

A área rural do Distrito Federal Brasileiro *

RAYMOND PÉBAYLE **

No Distrito Federal brasileiro, a nova capital, Brasília é uma espetacular manifestação de urbanismo, ao lado de um plano de aproveitamento sistemático de 5 814 quilômetros quadrados de campos cerrados. De fato, a partir de 1956, data oficial de sua criação, esta pequena porção de território passou por uma série de transformações que deviam, não somente criar uma rede de cidades satélites em torno dela, mas, também, modificar profundamente as áreas rurais vizinhas. Estas, que, em 1955, contavam apenas 103 fazendas de criação extensiva de gado, hoje contribuem com uma parcela ponderável no abastecimento do Distrito Federal. ¹ A vida rural, integrada por menos de 10% dos 400 000 habitantes, ² aproximadamente, do Distrito Federal é, em parte, o resultado de um planejamento regional.

Povoar uma área com agricultores vindos de todos os horizontes do país e mesmo do estrangeiro não constitui empresa nova no Brasil,

* Agradeço, penhoradamente, não só a meus colegas do Departamento de Geografia da Fundação IBGE mas, em particular, aos da Seção Centro-Oeste, assim como aos diversos professores de geografia do Instituto de Geociências de Brasília, pela profícua ajuda que me dispensaram na elaboração deste trabalho.

** Assistente de Pesquisas do Centre d'Etudes de Géographie Tropicale Bordeaux, França.

1 Não dispomos infelizmente de um estudo de conjunto sobre a origem dos produtos agrícolas consumidos no D.F. Entretanto, um estudo da Comissão de Desenvolvimento do Planalto Central ("Centro integrado de abastecimento de Brasília", Prefeitura do D.F., S. do Governo, 1969, 83 p.) permite aproximar da realidade. Em uma amostragem realizada na Feira do Núcleo Bandeirante, por exemplo, verificou-se que os produtos do D.F. participam, no conjunto, com perto de 50% das vendas dos produtos hortícolas e das frutas. Outra amostragem, na Feira do Atacado, concede ao D.F. porcentagens superiores a 90% para a venda de verduras, limões, cenouras, mandioca e ovos. Ao contrário, as vendas por intermédio dos atacadistas revela o lugar pouco importante do D.F. em relação aos gêneros de primeira necessidade, como o arroz, feijão, farinha de mandioca e as frutas.

2 IBGE — estimativa 1.º de julho de 1968.

onde a colonização, em várias regiões, já se revestiu de formas bem diversas. No Distrito Federal, entretanto, inovou-se sistematicamente em matéria de colonização rural. Entre outras inovações figura a supressão, em princípio, da propriedade fundiária. Os agricultores, por seu lado, descobriram um mercado importante, amplamente aberto e uma vida citadina intensa. Dêsse modo, o relacionamento entre citadinos e rurícolas contribuiu, pelo menos, na mesma proporção que os princípios oficiais de colonização, para o nascimento de uma vida rural um tanto inusitada no quadro brasileiro.

Encontramos, hoje, nesta zona do Distrito Federal, um contraste equivalente ao que, no domínio urbano, opõe a Brasília oficial à antiga Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante. De fato, uma zona rural espontânea, praticamente não prevista pelos legisladores e conseqüência de um enorme afluxo de população, desenvolveu-se ao lado da zona rural oficial.

I — Uma área rural dirigida

A Novacap (Companhia Administradora da Nova Capital) desejou organizar as áreas rurais do Distrito Federal de acôrdo com princípios, sob certos aspectos, quase socializantes. De fato, segundo a legislação local, tôdas as terras não compreendidas no perímetro do Plano-Pilôto e dos diversos ministérios (cf. carta) deviam ser desapropriadas e, em seguida, redistribuídas em lotes, sob forma de concessões de trinta anos, a chefes de família, cuja experiência agrícola tivesse sido comprovada.

Além disso, a Novacap exigia que 20% pelo menos das terras concedidas estivessem utilizadas, ao fim de dois anos contados após o estabelecimento dos agricultores. Estes, por sua vez, deviam pagar módica quantia e aceitar a inspeção regular dos funcionários encarregados de zelar pela aplicação da lei. Em compensação, numerosas ajudas financeiras e técnicas, boa rede de estradas e várias escolas viriam facilitar o estabelecimento das famílias dos lavradores. Tinham sido previstos vários núcleos compostos de lotes de superfícies variáveis e especializados em produções definidas. Assim, foram planejadas concessões de quatro hectares para núcleos rurais de culturas de hortaliças próximos ao Plano-Pilôto; lotes de mais ou menos 50 a 120 hectares deviam formar setores de agricultura e de pecuária mais afastados de Brasília. Lotes de 20 a 50 hectares eram, por sua vez, destinados a fornecer produtos alimentícios.

Foi, portanto, uma verdadeira reforma agrária que, depois de 1956, a Novacap empreendeu num meio bioclimático onde as experiências agrícolas tinham, até então, sido bem reduzidas. Nesta região do Planalto Central, a uniformidade da vegetação e dos solos felizmente é apenas aparente. A severidade do clima de savana (embora a precipitação média anual seja de 1 675 mm, durante 5 meses a precipitação se apresenta inferior a 50 mm) é, na verdade, corrigida pela altitude média, 1 100 mm, que limita a 25°8 e 15°2 as médias mensais extremas e a 33°3 e 8° as



BRASILIA

Estradas revestidas e de traçado permanente

"Invasões" do Vale do Vicente Pires

Cidades-Satélites

Plano Piloto

Estradas não-revestidas mas de traçado permanente

Núcleos Rurais

Área dos Ministérios

1 / 250 000

máximas e mínimas absolutas. Por outro lado, situado nas nascentes das rédes hidrográficas amazônica (rio Paranã, afluente do Tocantins), atlântica (rio Prêto, afluente do Paracatu, afluente do São Francisco) e do Prata (rios São Marcos e Corumbá, afluentes do Paranaíba), o nôvo Distrito Federal brasileiro é assim provido de águas de escoamento superficial abundantes e permanentes. Os vales dos rios Descoberto, São Bartolomeu, Prêto e os de seus afluentes são balizados por florestas-galeria. Em função das condições hidrológicas profundas e dos afloramentos geológicos a fisionomia botânica do cerrado é das mais variadas. Com efeito, as florestas ralas dos afloramentos calcários alternam-se como cerradões altos e densos dos latossolos espessos, os cerrados rarefeitos com campinas dos solos pobres dos afloramentos de rochas metamórficas.

Os núcleos rurais foram previstos exclusivamente para os vales amplos. A administração quis, portanto, utilizar as terras que mais se prestavam ao aproveitamento, ainda que não fôssem as mais férteis. De fato, enquanto os solos mais ricos concentram-se nos afloramentos calcários do norte, apresentando, porém, sérios problemas de irrigação, devido à topografia bastante acidentada da zona, as diversas variedades de *gley a moor* ácido sôbre aluviões dos fundos de vales podem ser fâcilmente cultivados, desde que corrigidos e drenados durante a estação úmida. Excetuando-se as parcelas do núcleo hortícola de Vargem Bonita, que são inteiramente constituídas dos solos negros, nitidamente hidromorfos, a maioria dos lotes tinha de ser localizado de modo perpendicular aos leitos dos rios para que incluísse parte dos latossolos das vertentes e parte dos solos de *gley* dos baixos terraços fluviais.

O programa foi amplamente realizado. Quatorze núcleos rurais, agrupando 1 040 lotes,³ existem hoje nos vales dos afluentes dos rios Descoberto, São Bartolomeu e Prêto. As colônias agrícolas possuem, atualmente, escolas e postos agrônômicos. Entretanto, sua implantação enfrentou sérias dificuldades no momento da desapropriação que, até hoje, só foi efetivamente realizada em apenas 58% das terras do Distrito Federal. Por outro lado, numerosas instalações ilícitas vieram complicar a distribuição dos títulos oficiais de concessão aos agricultores que agora ocupam a terra. Por isso, muitos dos atuais explotadores possuem apenas uma autorização e, mesmo, muitas vêzes, não têm qualquer título oficial. Esta ocorrência é tanto mais deplorável quanto os colonos desprovidos de títulos de concessão não podem se beneficiar das ajudas financeiras e técnicas que a Novacap concede aos seus arrendatários.

A atual réde de estradas asfaltadas e o grande interêsse dos citadinos pelas terras próximas de Brasília e das cidades satélites acrescentaram novos elementos de diferenciação entre os vários núcleos. A êste respeito existe atualmente uma diferença nítida entre os núcleos rurais que, próximos ao Plano-Pilôto, tendem a se desenvolver e os que, estando mais isolados, evoluem muito lentamente. Enfim, justapondo agricultores de origem japonêsa e roceiros nacionais, a Novacap tem, por vêzes, suscitado impressionantes contrastes entre as diversas colônias agrícolas. É fâcil imaginar-se que tais fatôres de evolução nem sempre se verificaram no sentido das especializações inicialmente pre-

3 Têda a documentação em cifras concernente aos núcleos rurais procede de um sumário efetuado em 1968-69, pela Div. Rur. do Dep. Econ. da Novacap. Encontra-se, para cada lote, uma enumeração completa das culturas, dos animais e de tôdas as instalações realizadas pelos ocupantes atuais. Foram negligenciados, no estabelecimento das estatísticas globais, a presença de invasores, dos quais vários dêles foram agrupados em um mesmo lote.

vistas pela administração. Hoje pode-se distinguir quatro grandes grupos de núcleos rurais, não apenas pelas paisagens agrárias, mas também pelas características econômicas sociais.

A. NÚCLEOS RURAIS DOS ROCEIROS

Os núcleos rurais de Taquara e de Ponte Alta, que agrupam 21,6% dos lotes do Distrito Federal, apresentam pelo menos dois caracteres em comum: encontram-se relativamente afastados do Plano-Piloto e, sobretudo, são povoados por agricultores desprovidos, em geral, de títulos de arrendamento da Novacap. Aliás, a última situação nada tem de surpreendente quando se sabe que as duas colônias foram "invadidas" no sentido jurídico do termo, isto é, foram ocupadas de modo ilegal, antes mesmo de terem sido criadas oficialmente. Defrontando-se com os fatos consumados, a Novacap reconheceu a ocupação, mas não pôde regularizar a situação jurídica dos ocupantes.

Esponaneamente, estes lavradores delimitaram parcelas de superfícies bastantes variadas, indo de 2 a 25 hectares, mas sempre localizadas nos fundos dos vales dos rios Taquara, Ponte e de seus afluentes. Porém, a topografia destes altos vales é pouco favorável à agricultura, pois os leitos maiores dos rios possuem uma secção em "V" bastante fechada, que restringe a utilização integral dos solos negros. Entretanto, é nestas terras úmidas que se concentram muitas das roças dos atuais lavradores. Exetutando-se a mandioca e o abacaxi, plantas pouco exigentes, cultiváveis em solos secos das vertentes, os campos de milho e de feijão, muitas vezes associados, dividem com a cana-de-açúcar e alguns bananais, as terras baixas onde a água é abundante em qualquer que seja a estação. Vista dos cerrados ou dos interflúvios, esta atividade agrícola poderia passar despercebida, se as elementares casas de adobe ou de pau-a-pique e cobertas de sapé não assinalassem a existência destes tradicionais lavradores. Fugindo dos fundos úmidos e infestados de mosquitos, os agricultores preferiam instalar seu *habitat* não muito longe do contato entre as terras vermelhas e os solos negros. Uma cisterna ou um poço pouco profundo, um forno de fazer pão, às vezes um chiqueiro ou um galinheiro rudimentares, raramente um pequeno curral para o boi de tração, completam o *habitat* que continua sendo estritamente o do caboclo (Fotos ns. 1 e 2).

Os sistemas de cultura são, também, os dos lavradores tradicionais que utilizam, sobretudo, o fator trabalho para tirar de uma policultura clássica o essencial à alimentação familiar, além de alguns excedentes destinados à venda. O machado, a foice, o enxadão e a caixa de fósforos são, mais ou menos, os únicos instrumentos de que dispõem os agricultores para abrir suas roças em florestas-galeria. Ao lado da mandioca colhida de dois em dois anos, o milho, semeado em junho (milho temporão) e em outubro (milho das águas) consegue dar duas colheitas anuais, o mesmo ocorrendo com o feijão, plantado em outubro (feijão das águas) e em janeiro (feijão de tempo). Uma escolha judiciosa dos solos úmidos permite, por sua vez, obter colheitas modestas de arroz e de legumes. Mas, seria inútil procurar afolhamentos e rotações de culturas nestas explorações, onde a escolha fundamental dos terrenos depende, com frequência, dos recursos naturais em água e da fertilidade natural dos solos (Foto n.º 3).

Até aqui nada de muito original se observa em tais práticas de culturas que se inscrevem quase integralmente no sistema de roça, tal qual é praticado em Goiás e Minas. Aliás, de uma amostragem realizada



Fotos 1 e 2 — Tipos de habitat dos roceiros de Taquara (no alto) e de Tabatinga (em baixo).





Foto 3 — Em terra de cerrado planta-se a mandioca em covas nos restolhos de milho.

localmente,⁴ parece que os lavradores, em sua maioria, provêm dos dois Estados vizinhos (24,1% de Goiás e 34,4% de Minas Gerais) e não do Nordeste, como, em geral, se ouvia dizer. Do mesmo modo que os roceiros não proprietários, estes agricultores são bastante instáveis, como se verifica pelo quadro n.º 1. Nêle vemos que 42,8% e 20% dentre êles

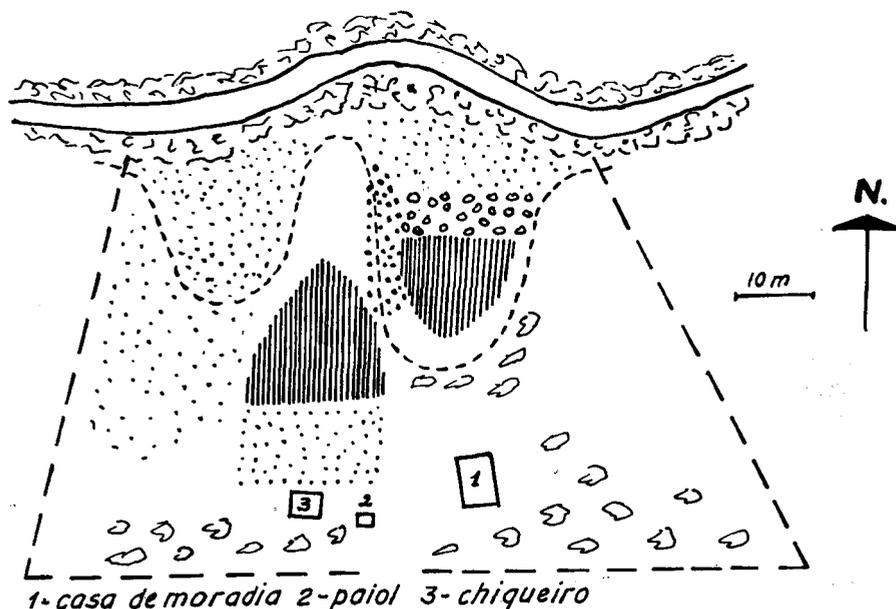
Quadro n.º 1

	21	28	29	22	34	35	23	24	31
Taquara.....	88,8%	75%	100%	100%	100%	40%	0	12,5%	87,5%
Ponte Alta.....	95%	70%	80%	85%	100%	15,8%	10,5%	25%	100%

- 21: Porcentagem dos explotadores que se declaram a favor da policultura.
 28: Porcentagem dos explotadores que se declaram a favor das queimadas.
 29: (Idem) crêem na influência da lua na época das sementeiras.
 22: (Idem) declaram preferir viver no campo.
 34: Porcentagem dos explotadores que se declaram favoráveis ao crédito agrícola.
 35: (Idem) já fizeram a experiência do crédito agrícola.
 23: (Idem) têm atualmente a intenção de vender ou trocar seu direito de ocupação.
 24: (Idem) estariam dispostos a vender seu direito de ocupação "desde que uma boa ocasião se apresentasse".
 31: (Idem) declaram ter a intenção de introduzir melhoramentos em seu lote.

4 Encontra-se, em anexo, um modêlo do questionário utilizado. Foi reproduzido integralmente. Algumas deficiências foram reveladas quando de sua aplicação, apesar de ter sido testado anteriormente no terreno. Os defeitos serão assinalados. Preferiu-se esta solução àquela, mais cômoda porém menos honesta e sobretudo menos instrutiva, que consistia em eliminar certas questões que não deram os resultados esperados. A amostragem abrangeu quatro núcleos rurais: Taquara, Ponte Alta, Tabatinga e Vargem Bonita. Para os três primeiros núcleos, os questionários distribuídos por intermédio das escolas, foram preenchidos respectivamente por 19,8%, 11,2% e 22,1% dos ocupantes atuais. Em Vargem Bonita, com a ajuda benevolente que recebemos, tanto por parte das escolas, como pela Administração local, foi-nos possível realizar uma amostragem que abrangeu 63,3% dos lotes ocupados.

já mudaram de terra, pelo menos uma vez, depois que chegaram ao Distrito Federal. São, também, tradicionalistas, como se deduz de seu apêgo à policultura e às queimadas e pela crença na influência da lua por ocasião das sementeiras.



-  *culturas de legumes*
-  *bananeiras e árvores frutíferas*
-  *mandioca*
-  *milho*
-  *árvores*
-  *terras inundáveis*
-  *cercas*

Croquis n.º 1 Esquema de uma pequena exploração de roceiro do Núcleo Rural de Ponte Alta: as culturas hortícolas já ocupam aí um lugar respeitável ao lado das culturas alimentícias tradicionais.

Mas certos aspectos novos das paisagens agrárias, tanto quanto os resultados dos inquéritos, destacaram uma nota insólita neste quadro tradicional. De fato, por mais leves que sejam, algumas modificações recentes merecem atrair a atenção. Há dois anos, apenas, os caboclos demonstraram um certo interesse pela cultura dos legumes. Reconhecem, hoje, que as culturas hortícolas dão bons rendimentos, desde que sejam irrigadas e protegidas pelo que denominam “remédios” contra os diversos insetos e parasitas que ameaçam tais tipos de plantas. Assim, hortas, outrora de dimensões reduzidas, procuraram se estender a ponto de conquistar os solos escuros próximos a uma fonte natural (croqui n.º 1) ou então suficientemente úmidos, na estação seca, para que fôsse possível irrigá-los com água de poços pouco profundos. Canais de irri-

gação cavados nos solos do cerrado podem, também, captar a água de uma fonte relativamente distante e anastomosar-se entre as diversas leiras, que são regadas duas vezes por dia. Este contróle elementar da água permite preencher o prolongado tempo morto da estação seca. Realmente, a partir de março, verduras, tomates, repólho, giló, pimentão, cebolas e alhos, nabos e cenouras sucedem-se até a chegada dos meses que determinam o reaparecimento das águas e das plantas de subsistência.⁵ Paralelamente, surgiram técnicas de conservação dos solos: mais da metade dos agricultores utilizam o adubo; mais ou menos 1/3 já fez uso de fertilizantes químicos, enquanto que, respectivamente, 33 e 15% declaram haver usado a calagem em certos solos.

Esta evolução não é certamente fortuita, nem caracteriza todos os exploradores. Para alguns, ela se explica pelas modestas ajudas financeiras que o Serviço de Assistência da Prefeitura de Brasília recentemente concedeu aos lavradores sem títulos (diagrama n.º 1). Mas, a maioria só adotou as inovações depois de as ter observado em núcleos rurais adiantados e quando uma rede rodoviária e uma elementar organização de meios de transporte por caminhão permitirem sair do isolamento estéril e vender, nas cidades de Gama e de Planaltina, produtos que, alguns anos atrás, precisariam ser transportados em charretes — quando se possuía uma. Taquara, por exemplo, servida atualmente duas vezes por semana por caminhões (que cobram Cr\$ 1,00 por caixa ou saco e Cr\$ 1,20 por pessoa) ilustra, perfeitamente, o caso de uma região em que a ruptura do isolamento acarretou quase de imediato notáveis inovações.

Aceitando tão rapidamente este início de especialização, os roceiros manifestaram um dinamismo que poderia ser característico de muitos agricultores brasileiros. Convém, entretanto, assinalar que, antes de terem o privilégio de uma boa rede de estrada, os caboclos tinham tido oportunidade de conhecer a cidade, em que 55,5% e 80% haviam habitado, pelo menos um ano, antes de se estabelecerem no campo. Ora, o diagrama n.º 2 mostra certas relações entre o conhecimento da cidade e a adoção de inovações culturais. A idade e a instrução parecem constituir também dois fatores essenciais de transformação nesta sociedade rural como o revela os diagramas ns. 3 e 4.

Impressiona, entretanto, o fato de que certas técnicas de conservação dos solos, cujos resultados só são visíveis depois de vários anos, sejam dificilmente adotadas neste meio rural. É o caso, por exemplo, do uso da calagem, cuja pequena difusão não poderia ser explicada exclusivamente por simples razões econômicas.

Entretanto, os agricultores declaram-se também pouco satisfeitos com sua situação atual. Não apenas a insuficiência do capital de exploração, sob tôdas suas formas (dinheiro, máquinas, instrumentos, adubos, meios de transporte), mas também a falta de títulos oficiais de arrendamento são, com freqüência, assinalados como obstáculos aos melhoramentos que desejariam fossem introduzidos. Todos compreenderam a interêsse do crédito bancário, mas bem poucos tiveram, até hoje, acesso a êle. (Ver quadro n.º 1). Por outro lado, é possível que êstes lavradores estejam relativamente enraizados, a julgar-se pela percentagem bastante fraca dos que se declaram dispostos a vender o direito de ocupação, “mesmo se uma boa ocasião se apresentasse”. Muitos se declaram propensos a introduzir melhoramentos em seus lotes.

Certamente, deve-se admitir certa margem de erros voluntários nas respostas obtidas pelos nossos questionários. Determinado número des-

5 Milho, arroz, feijão.

tes lavradores, ocupantes ilícitos das terras, desejosos de obter da Novacap contratos de arrendamentos e ajudas, compreenderam, provavelmente, em que sentido conviria responder às perguntas. Assim, vários dêles afirmaram serem leitores de revistas agronômicas, das quais seriam incapazes de ler o título se julgarmos pelo grau de instrução que êles próprios, em outro lugar, declararam possuir. Apesar de tudo, devemos

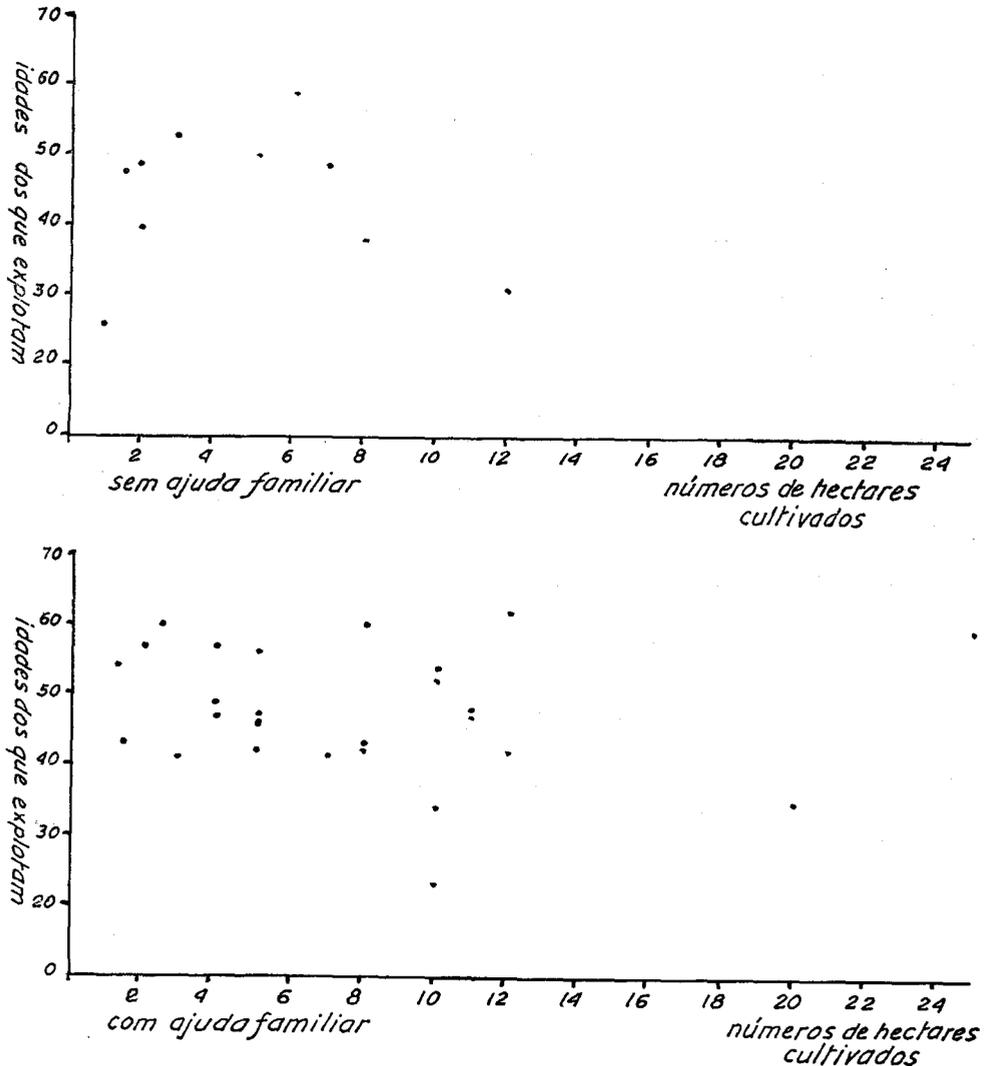


Gráfico n.º 1

Relação entre a idade dos roceiros de Taquara e Ponte Alta e a superfície cultivada (ha). Fêz-se uma distinção entre aqueles que trabalham sem a ajuda da família e os que trabalham com a ajuda da família.

Núcleos rurais de Taquara e Ponte Alta

1 — Relação entre o crédito bancário e a utilização de adubos e cal:

A = roceiros trabalhando sem crédito bancário

B = roceiros trabalhando com crédito bancário

2 — Relação entre experiência de vida urbana (permanência de mais de 1 ano em uma aglomeração urbana de mais de 20 000 habitantes) e utilização de adubos e cal:

* A = roceiros sem experiência urbana
B = roceiros com experiência urbana

3 — Relação entre a idade dos roceiros e a utilização de adubos:

A = roceiros com menos de 40 anos

B = roceiros entre 40 e 50 anos

C = roceiros com mais de 50 anos

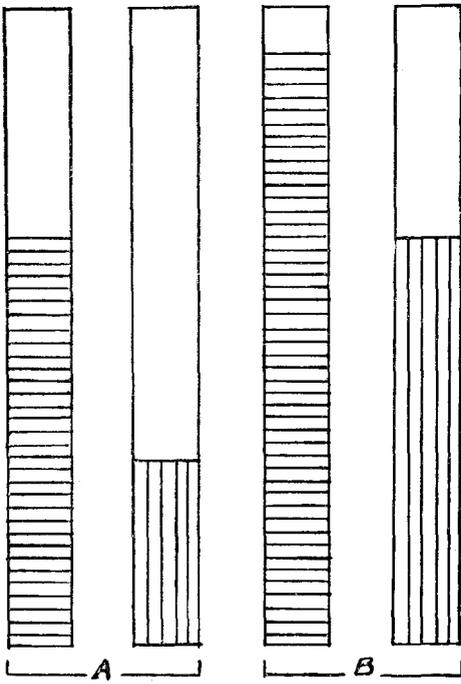
4 — Relação entre o tempo de escolaridade e a utilização de adubos:

A = roceiros com menos de 2 anos

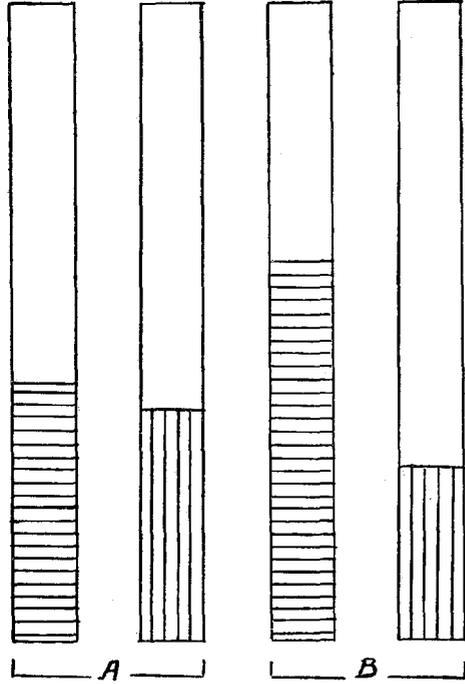
B = roceiros entre 2 a 5 anos

C = roceiros com mais de 5 anos

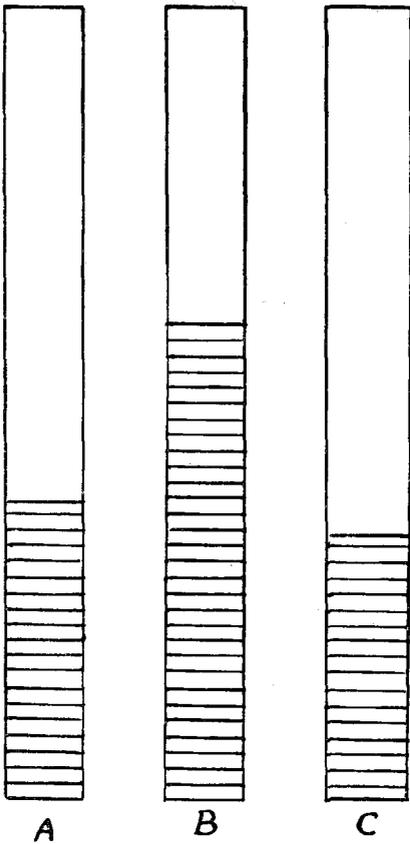
1.



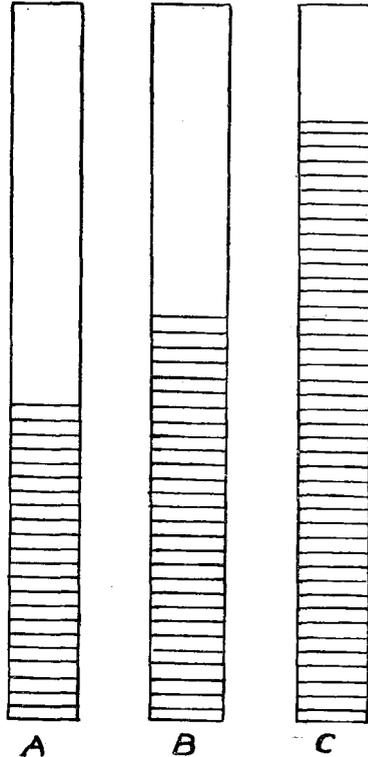
2.



3.



4.



% de roceiros que utilizam adubos.



% de roceiros que praticam a calagem

reconhecer que a maioria dos agricultores iniciaram importantes inovações e que estão a par do que seria necessário fazer para aumentar os rendimentos e aproveitar, ao máximo, as possibilidades que lhes são oferecidas de vender, facilmente, algumas de suas produções. Parece-nos que, colocados em idênticas condições, poucos camponeses europeus teriam, tão rapidamente, tomado consciência das inovações que deviam ser introduzidas em sistemas tradicionais de cultura.

B. OS NÚCLEOS RURAIS DE AGRICULTORES E DE CRIADORES DE GADO

Os núcleos rurais de Pipiripau, Tabatinga, Estanislau-Rajadinha e Rio Preto agrupam 45,38% dos lotes oficiais do Distrito Federal. Estas terras, as mais afastadas e com lotes de maiores dimensões (de 8 a 25 alqueires) só recentemente foram organizadas pela Novacap para utilização. Por êstes motivos não atraíram muitos exploradores; no total, 51,1% dos lotes ainda não receberam qualquer planejamento agrícola, seja porque seu titular oficial não se mostrou interessado (13,9%), seja porque foram abandonados depois de curto período de ocupação que decepcionou (5,9%), seja, enfim, porque ainda não foram distribuídos pela NOVACAP (1/3).⁶

Segundo previsões da administração, êstes lotes deviam ser destinados sobretudo à pecuária. Entretanto, ao atravessar os extensos vales dos rios Jardim, São Gouçalo, Preto, Tabatinga e Pipiripau, temos apenas a visão de uma paisagem de cerrado, por vêzes cortado e queimado recentemente. Algumas cêrcas, com três ou quatro fios de arame farpado fixados em morões de cimento, protegem pastagens plantadas há pouco tempo. Outras, ao contrário, com apenas dois ou três fios de arame fixados em moirões de formas torcidas, dificilmente poderiam conter um rebanho de zebus. As estatísticas confirmam a impressão deixada pela paisagem: somente 7,83% dos lotes possuem um rebanho de mais de cinco bovinos.

De fato, o essencial das atividades agrícolas concentra-se, ainda uma vez, no fundo dos vales. O povoamento inicial dêstes núcleos foi realizado, em grande parte, por pequenos agricultores vindos, geralmente, de Goiás ou de Minas Gerais e por 33 agricultores de origem japonesa. Exceituando-se os últimos que conseguiram, em geral, contratos de arrendamento ao se instalarem, apenas um número reduzido dos primeiros exploradores ocupantes possui títulos oficiais de concessão de terra que cultivam. Em Rio Preto e Tabatinga somente 1/5 dos lotes foi concedido aos exploradores de origem nacional.⁷ Não surpreende, pois, que, nestas condições, os agricultores isolados, sem qualquer espécie de ajuda, tenham feito poucos progressos ou vendido seu direito de ocupação⁸ a cidadãos. Aquêles que permanecem se dedicam a uma policultura de subsistência, em todos os pontos similar a dos lavradores de Taquara. Alguns cultivam também as hortaliças. Além disso, os trabalhos executados por dia ou por tarefa, para vizinhos mais afortunados, constituem uma fonte de dinheiro vivo, não negligenciável. Por sua vez, estas estadas nos sítios próximos mais evoluídos parecem ter suscitado vocações em certos agricultores tradicionais. Entre as inovações, há pouco

6 É o caso, em particular, do núcleo de Estanislau-Rajadinha que, atualmente, se encontra em fase de instalação.

7 De acôrdo com os dados estatísticos elaborados pelo "Serviço de Arrendamento do Departamento Econômico" da Prefeitura de Brasília.

8 O direito de ocupação, na ocorrência, nada mais é que o *pas de port* que exigem, freqüentemente, os *fermiers* que saem, por exemplo, das boas terras da bacia parisiense. Se a Novacap estimar que o nôvo pretendente preencha as condições previstas por lei, não fará qualquer oposição à transferência dos títulos de arrendamento.

introduzidas, registram-se as culturas de forragem destinadas ao gado bovino, que alguns pequenos criadores haviam, ao se instalar, associado a determinadas culturas alimentícias.

Neste particular, os pequenos lavradores não fazem mais que imitar as iniciativas recentes de criadores citadinos, em sua maioria ausentes, que obtiveram a concessão de um lote ou que readquiriram um direito de ocupação, por uma quantia que varia de 3 000 a 6 000 cruzeiros. Tencionando iniciar uma pecuária melhorada, os exploradores cercam suas terras, instalando nelas os trabalhadores rurais, vindos sobretudo do Nordeste. Os solos de cerrado, arados com máquinas da prefeitura, são então adubados e depois semeados de “capim Meloso” e de “Colômbio”. Plantam-se, também, alguns hectares de Napier, Guatemala ou Jaraguá, destinados a complementar a alimentação do gado durante a estação seca. Tais culturas, encontradas em uns trinta lotes, ainda são muito recentes para que possam ter produzido todos seus frutos. Entretanto, já bem interessantes, do ponto de vista técnico, merecem, também, ser assinaladas pela maneira pela qual foram introduzidas. De fato, enquanto as forragens ou pastos temporários e artificiais desenvolvem-se nas fazendas tradicionais de criação de gado, sobretudo através do modo indireto (agregação ou meiação), ao contrário, é pelo intermédio de trabalhadores agrícolas pagos por mês, portanto explorados pelo método direto, que os neo-criadores de Tabatinga e Rio Preto melhoraram as pastagens naturais de seus lotes. Por outro lado, já se registram alguns casos de associação entre sitiantes vizinhos que, para evitar os gastos com as instalações das cercas, decidiram explorar suas terras em comum, depois de tê-las fechado em um só bloco. Estabelecem, desse modo, explorações de 200 a 300 hectares destinados a uma pecuária selecionada.

No que se refere aos estabelecimentos dirigidos por descendentes de japoneses, num primeiro contato, não parecem, fundamentalmente, diferentes daqueles dos nacionais. A superfície cultivada não excede, em média, 13% da extensão das terras concedidas. Como seus homólogos nacionais, os japoneses preferem explorar as terras negras dos terraços fluviais e só se aventuram nos latossolos das vertentes quando é relativamente fácil irrigá-los. Desse modo, aproximadamente 1/3 dos fazendeiros se encontram ausentes e confiam a capatazes, em geral, de origem japonesa, o encargo de executar os trabalhos dos campos. Enfim, ao localizarem seu *habitat* perto da estrada ou próximo aos solos hidromorfos, junto aos rios, os japoneses não demonstraram uma grande originalidade.

Mas aí param as semelhanças. Enquanto os lavradores tradicionais parecem, sobretudo, preocupados em prover o próprio sustento, os descendentes de japoneses possuem um grande discernimento quanto à rentabilidade comercial de seus esforços. As culturas irrigadas de legumes — tomates, ervilhas, maxixe e quiabo, principalmente — são objeto de um processo de cultivo de uma minúcia que só é encontrada em Vargem Bonita. Para esta especialização, muito rentável, os japoneses investem somas consideráveis em sementes de primeira qualidade, em inseticidas e em fungicidas. As explorações que consagram de 1 a 3 hectares às culturas de legumes absorvem comumente toda a mão-de-obra familiar e o trabalho de um ou vários operários rurais, os quais, por sua vez, são capazes de aprender, em dois anos, as técnicas dos horticultores japoneses. Um tal conhecimento faz com que recebam, geralmente, o dobro do que é pago aos trabalhos agrícolas normais. Paralelamente, a mecanização e a motorização aumentam: 42,4% das explorações japonesas possuem motobombas. Este tipo de investimento é, aliás, conside-

ravelmente facilitado pelos empréstimos dos organismos oficiais de crédito, de que são privados os agricultores sem título oficial de arrendamento.

A superioridade do agricultor japonês já se afirmara em outros domínios. Por exemplo, ao empreender culturas de subsistência adquire sementes de boa qualidade (milho híbrido, em particular) e adota técnicas meticolosas de cultura — como o transplante do arroz que lhe valem rendimentos excepcionais no quadro do Distrito Federal (36 qx*/ha para o milho, 24 a 30 qx/ha para o arroz). A criação de porcos é empreendida segundo os mesmos princípios de seleção e de rentabilidade. Assim, os porcos de raça Wessex, Duroc, Landrace atingem, em 9 ou 10 meses, 120 a 150 quilos, pêso que os “piaos” tradicionais dificilmente atingem em dois anos. Enfim, embora instalados apenas há alguns anos, alguns destes agricultores introduziram ou desenvolveram especialidades rentáveis bem adaptáveis aos tipos de terra de que dispõem. A produção de mudas de frutas cítricas constitui um exemplo elucidativo da procura de altas rentabilidades, que parece ser uma das características fundamentais do agricultor de origem japonesa do Distrito Federal.

C. HORTICULTORES DE VARGEM BONITA E TAGUATINGA

Reencontramos agricultores de origem nacional e japonesa em Vargem Bonita e Taguatinga, desta vez em condições bem diferentes. As estradas fazem o serviço de comunicações dos núcleos rurais que, além disso, se encontram privilegiados pela vizinhança de Brasília, do Núcleo Bandeirante e de Taguatinga. Nas proximidades destes grandes mercados de consumo, as terras foram distribuídas com mais parcimônia nos vales do ribeirão da Gama e dos dois afluentes superiores do rio Taguatinga. Nestas colônias agrícolas que receberam seus primeiros lavradores entre 1956 e 1960, a distribuição mais equitativa dos títulos de concessão não favoreceu, como nos casos precedentes, os japoneses em detrimento dos nacionais. São, portanto, duas comunidades rurais periurbanas colocadas em um mesmo plano de igualdade sob o ponto de vista jurídico, mas diferentes em suas tradições agrícolas que, decorridos 10 a 14 anos de sua implantação pela NOVACAP, nos foi dado estudar.⁹

Em Vargem Bonita, núcleo considerado hortícola, de superfície reduzida e constituído apenas de 63 parcelas de 4 hectares cada uma, procurou-se sistematicamente misturar camponeses de origem japonesa com nacionais, tendo como finalidade encorajar os segundos a aprender as técnicas agrícolas dos primeiros. Os solos negros favorecem muito às culturas hortícolas extensas. Entretanto, as paisagens agrárias atuais

Quadro n.º 2

	% DOS AGRICULTORES QUE PRATICAM		% DOS AGRICULTORES QUE POSSUEM	
	Cultivo de subsistência	Cultivo de hortaliças	Motobomba	Motocultor
Nacionais.....	60,8%	65,2%	34,7%	8,7%
Japoneses.....	6,2%	84,3%	81,2%	59,3%

* qx = quintal = 100 kg.

9 20% dos japoneses de Vargem Bonita vieram diretamente do Japão, da ilha de Okinawa, chamados por um compatriota instalado no estado de São Paulo. Este estado forneceu a maior parte dos outros horticultores de origem japonesa. Apenas alguns se instalaram em Brasília, depois de terem tentado, sem sucesso, a aventura amazônica.

apresentam um contraste notório entre as 31 explorações japonesas, essencialmente dedicadas à horticultura, e os 32 lotes dos nacionais em que as culturas de subsistência e as de árvores frutíferas guardam todo o valor tradicional ao lado das dos legumes (quadro n.º 2). Aliás, em nenhum outro lugar do Distrito Federal sobressaem tão nitidamente os contrastes entre agricultores japoneses essencialmente "econômicos" e os policultores brasileiros.

Quadro n.º 2: Comparação entre agricultores de origem japonesa e nacional do ponto de vista das escolhas das culturas e do equipamento. (Vargem Bonita).

Os primeiros procuram, de fato, utilizar, ao máximo, os fatores trabalho familiar e capital de exploração, a fim de produzir, em reduzidas superfícies de terra, gêneros imediatamente comercializáveis. Em média, 77% da extensão dos lotes é cultivado, enquanto 75% das mulheres e 83% dos filhos ajudam nos trabalhos dos campos. Quanto à amplitude do capital de exploração, pode-se ter uma idéia não apenas consultando o quadro n.º 2, que nos revela o grau já bem adiantado da motorização nas explorações dos japoneses, mas também pelo exame dos inquéritos que mostram a totalidade desses exploradores utilizando, regularmente, o estrume, os adubos químicos e os corretivos da calagem. Entre os relatórios organizados pela ACAR D.F., em Vargem Bonita, registram-se, aliás, capitais de exploração que atingem 25 000 cruzeiros e produtos brutos que excedem 50 000 cruzeiros. (Foto n.º 4 e 5).

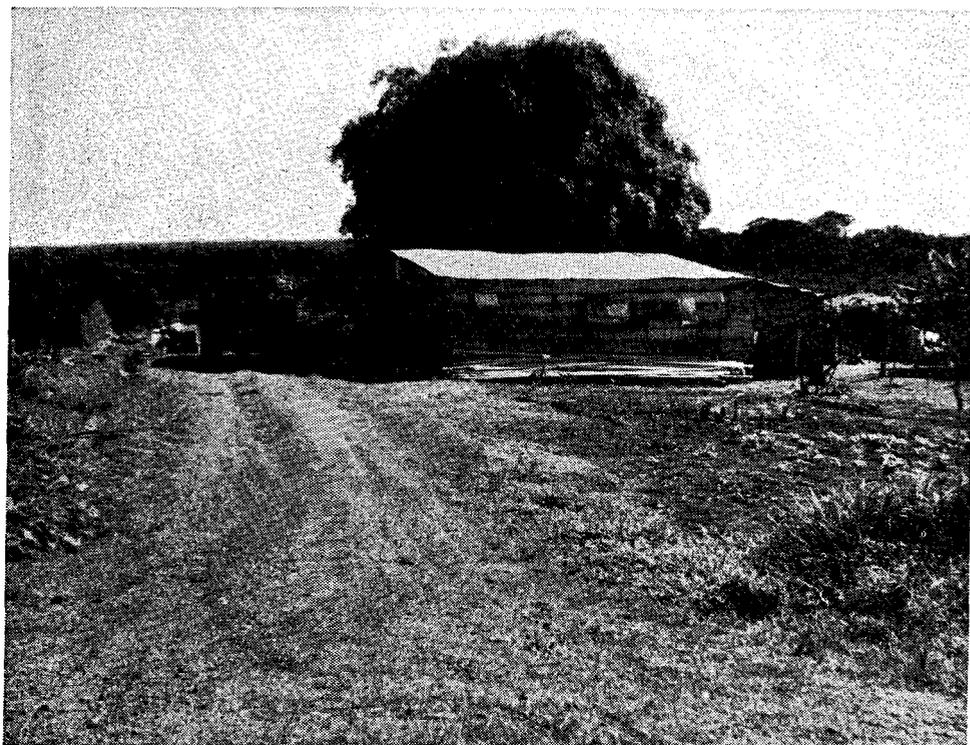
Ao contrário, nos lotes brasileiros de Vargem Bonita, a pertinaz tradição de policultura de subsistência perturbou, de certo modo, a difusão das culturas de hortaliças. Devido a isso a rentabilidade das explorações é baixa (dois relatórios divulgados pela ACAR D.F. registram produtos brutos de 980 e 1 500 cruzeiros). Efetivamente, colocados em idênticas condições, os nacionais não utilizam de modo tão intenso como os japoneses os três fatores de produção de que podem dispor. Na realidade, cultivam apenas 63,9% de suas terras. A mão-de-obra familiar é, por sua vez, subutilizada pois somente 31,2% das espôsas e 28,5% dos filhos trabalham nos campos e, mesmo assim, de maneira irregular. Quanto ao capital de exploração, nota-se que é reduzido, tanto sob a forma da mecanização, quanto sob a das melhorias em relação às culturas. No último caso, entretanto, todos utilizam o estrume e os adubos químicos. Mesmo a calagem é utilizada por 82% destes horticultores. (Fotos ns. 6 e 7).

Entretanto, embora menos especializados e menos subordinados aos princípios de economia rural, os lavradores nacionais, sem tradições de horticultura, não deixaram de imitar seus homólogos japoneses em vários domínios. Como os últimos, eles adotaram um calendário e uma seleção de plantas que dependem, quase exclusivamente, das estações e dos mercados. O *inverno** não é, sob este ponto de vista, uma estação favorável a certas plantas como os tomates e as cenouras que temem o excesso de umidade, aliás bem mal combatido pelos simples canais de irrigação que drenam a água durante os meses chuvosos. Ao contrário, a irrigação estival é melhor assegurada por uma rede que serve aos 63 lotes de Vargem Bonita. Grande parte da produção provém, pois, da estação seca; consiste sobretudo em tomates, cenouras, beterrabas vermelhas, diversos tipos de verduras e morangos. Nas terras que receberam a calagem e que foram melhoradas, não há necessidade de respeitar-se rigorosos calendários: cultiva-se, na realidade, o que melhor se vende, em função dos próprios recursos financeiros. Estes, aliás, não são tão reduzidos quando se sabe planejar as despesas e dosar com habilidade o autofinanciamento e o crédito bancário. Neste particular, os agri-

* Estação chuvosa.



**Fotos 4 e 5 — Vargem
Bonita: Hortas e habitat
de horticultores de ori-
gem japonesa. O moder-
nismo das técnicas de
cultura contrasta com a
elementar casa de tábuas
construída nos lotes.**



cultores de origem japonesa são hábeis, ao contrário dos nacionais, que se mostram mais tímidos — e, também, talvez, mais inexperientes na arte de trabalhar com créditos a curto prazo.

O núcleo rural de Taguatinga oferece um outro terreno de eleição para os estudos comparados de duas comunidades rurais, japonesa e brasileira. A superfície das terras concedidas é aí nitidamente superior a de Vargem Bonita, (40 a 50 hectares) o que parece estar na origem de nítidas modificações. O quadro n.º 3 sintetiza de maneira satisfatória o fenômeno.

Quadro n.º 3

	% = AGRICULTORES EMPREENDEDORES				
	Reflorestam.	Cultura de subsistência	Horticultura	Fruticultura	Avicultura
Nacionais.....	20,4%	63,2%	28,5%	71,4%	16,3%
Japoneses.....	21,7%	69,7%	91,3%	95,6%	26%

	% = AGRICULTORES QUE EMPREENDEM	% = AGRICULTORES QUE POSSUEM		
	Criação de gado bovino	Motor ou Motobomba	Motocultor	Habitat de tijolos
Nacionais.....	24,4%	12,2%	8,1%	59,1
Japoneses.....	0	51,7%	60,8%	43,4%

Observa-se, em particular, especializações muito diferentes das de Vargem Bonita. Os nacionais, por sua vez, permanecem fiéis às culturas de subsistência, porém tendem a agrupar, em pomares especializados, as árvores de frutas que os policultores tradicionais, habitualmente, plantam nas roças de subsistência. De modo paralelo, uma criação de gado em pastos plantados, mostra-nos que, em mais ou menos 1/4 dos casos, mineiros e goianos estão em vias de transformar os sistemas tradicionais de criação extensiva. As culturas de hortaliças não constituem mais, na maior parte das vezes, uma atividade fundamental, porém se acham presentes em mais de um quarto dos lotes. Por outro lado, a criação de aves domésticas começa a ter certa importância.

Isto prova que o agricultor brasileiro é capaz de adotar rapidamente as inovações ou de reexaminar suas atividades tradicionais, desde que um mercado, e meios de comunicações lhe ofereçam a possibilidade de vender com facilidade seus produtos.

Colocados em idênticas condições, os agricultores japoneses apresentam também um grande dinamismo, bem distanciado da especialidade quase exclusiva de legumes, a que tinham sido constrangidos pela exigüidade dos lotes de Vargem Bonita. Certamente, as culturas de legumes em solos negros constituem, ainda, a atividade fundamental destes camponeses que, em uma proporção superior a 50%, fizeram um esforço de mecanização comparável ao de Vargem Bonita. Mas os latossolos dos cerrados prestam-se também às culturas de subsistência. Fato inédito, registram-se tentativas de hortas (sobretudo de tomate) coroadas de êxito graças aos corretivos e à irrigação. Pomares de frutas cítricas selecionadas constituem outra especialidade de mais de 90% destes



Fotos 6 e 7 — Vargem
Bonita: lavouras e habi-
tat de um policultor na-
cional.



agricultores que, dêsse modo, fazem séria concorrência aos fruticultores vizinhos. Enfim, a criação intensiva de galinhas e de frangos expandiu-se mais depressa entre os japoneses que entre os nacionais. Há, entretanto, uma especialidade que os descendentes de japoneses decididamente não adotam, porque dela não possuem qualquer experiência: a criação de gado bovino.

Excetuando-se a criação de gado bovino, nota-se que tanto os japoneses quanto os nacionais tendem para as mesmas especialidades, quando ampliam o leque de suas atividades agrícolas. Da aproximação nas funções, resultaram, por sua vez, relações mais estreitas entre as duas comunidades, a tal ponto que, hoje, é freqüente encontrar-se trabalhadores de origem local em explorações mantidas por descendentes de japoneses. Outros contatos proveitosos estão em vias de surgir. Um dêles, verificado no campo, parece-nos constituir um início de simbiose bem eloqüente: consiste num contrato imaginado por um brasileiro, segundo o qual êste cede gratuitamente parte de suas terras de depressão a um hortelão japonês, o qual se compromete, em compensação, a plantar e a fiscalizar importante pomar nas terras vermelhas do proprietário. Êste contrato, que lembra certas formas de meação da África do Norte, poderia talvez suscitar imitações felizes, a julgar-se pelos comentários simpáticos que provocou.

Finalmente, das descrições que precederam pode-se tirar duas espécies de conclusões, bem diferentes. Uma, baseada em critérios exclusivos de rentabilidade e de técnicas atuais de cultura, só pode acentuar a superioridade dos sistemas de cultura adotados pelos descendentes de japoneses. A outra, mais dinâmica, pode ser tirada da comparação entre os sistemas agrícolas atuais e as tradições que caracterizavam as duas comunidades antes de sua instalação no Distrito Federal. Observa-se, então, que os japoneses realmente não inovaram desde que vieram para as vizinhanças de Brasília. De fato nada mais fizeram que adaptar ao meio local as técnicas intensivas de cultura, que já possuíam. Sob êste aspecto, é revelador constatar que nenhum dêles empreendeu ainda a única atividade que tradicionalmente ignoravam: a criação bovina intensiva. Entretanto, além de ser rentável, esta especialidade seria mais facilmente adotada pelos japoneses, uma vez que ela já era praticada por certo número de exploradores dos núcleos rurais. Pelo contrário os agricultores brasileiros, habituados a uma tradição de policultura ou à de criação extensiva, inovaram realmente quando adotaram as culturas de hortaliças e os sistemas intensivos de criação de gado que, em geral, ignoravam. Dêste ponto de vista, a comunidade rural brasileira parece ser muito dinâmica. Esta constatação encoraja-nos a pesquisar as razões pelas quais ainda não sobrepujou totalmente o atraso em relação aos japoneses. De uma comparação sistemática entre as duas comunidades, descobem-se três séries de motivos possíveis, os quais estão longe de ter igual importância.

À primeira série correspondem três caracteres que distinguem, com bastante nitidez, os nacionais dos descendentes de japoneses:

— A idade média dos donos de explorações, que é mais elevada entre os primeiros que entre os segundos: 46 anos contra 41 anos.

— Os agricultores nacionais freqüentaram menos tempo a escola. Em média 6 anos de freqüência escolar contra 0 anos para os japoneses. Os últimos são todos alfabetizados, enquanto foram verificados 4 casos de analfabetismo entre os 17 exploradores nacionais estudados.

— As famílias dos nacionais são, de modo geral, mais numerosas: registra-se, com efeito, a média de 4,9 filhos contra 4,6 para os japoneses.

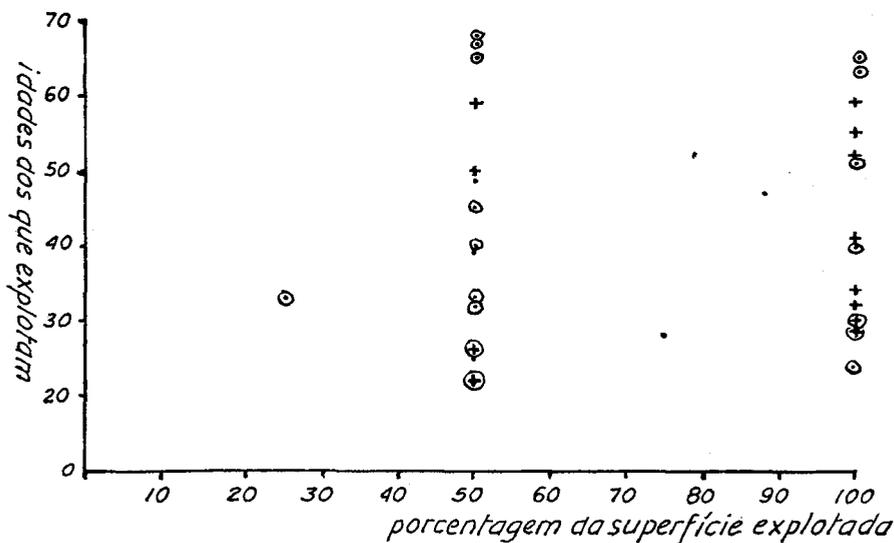


Gráfico n.º 2

Relação entre a idade dos horticultores de Vargem Bonita e a percentagem de área cultivada dentro da superfície concedida.

- = horticultor de origem nacional
- + = horticultor de origem japonesa
- = horticultores que não recebem nenhuma ajuda familiar no trabalho de campo.

Entretanto, se confrontarmos êstes dados com as porcentagens de superfície explorada (gráfico n.º 2), de um lado, e a utilização dos adubos e da calagem (diagramas 5 e 6) de outro, percebe-se que, contrariamente, ao que foi observado entre os roceiros, os dados não possuem qualquer influência sôbre a qualidade dos sistemas de cultura e a quantidade das terras aproveitadas. Em outras palavras, os fatores idade, importância numérica das famílias e instrução escolar, que constituíam nítidos elementos de discriminação qualitativa entre os lavradores isolados, não influem, de modo algum, em relação aos hortelãos de Vargem Bonita. A observação confirma, certamente, o papel fundamental do isolamento na adoção das inovações pelos agricultores tradicionais.

Na segunda série de caracteres distintivos dos lavradores nacionais pode-se agrupar:

— Maior instabilidade: entre os atuais exploradores nacionais de Vargem Bonita, 6,7% já ocuparam outro lote antes de nela se estabelecer. Por outro lado, enquanto nenhum japonês se declara disposto a trocar ou a vender seu direito de ocupação, 1/4 dos nacionais afirma estar inclinado a fazê-lo imediatamente. Mas, devemos também salientar que a metade dos japoneses, contra apenas 30% dos nacionais, venderia “se um boa ocasião se apresentasse”.

— Menor ajuda familiar em relação aos trabalhos dos campos, como já tivemos ocasião de constatá-lo.

— Um apêgo mais pronunciado às tradições de roceiros: respectivamente 94,1%, 68,7% e 73,3% declaram-se favorável à policultura, às queimadas e a certo calendário que toma em consideração as fases da lua. As respostas dos japoneses a estas perguntas mostram porcentagens certamente inferiores mas, ainda, bem respeitáveis: 60%, 65% e 45%.

Êstes fatores, contrariamente aos precedentes explicam, por certo, em parte, a menor rentabilidade das explorações dos nacionais em relação a dos japoneses. Entretanto, a confrontação das respostas de uns

e de outros tanto quanto o exame do gráfico n.º 2 (relação entre trabalho familiar e superfície cultivada) não se mostram tão convincentes.

De fato, parece que se deva procurar as verdadeiras razões das diferenças atuais entre agricultores nacionais e japoneses nos dois últimos caracteres:

— Menor estada na vida urbana antes da criação de Brasília: 58,8% dos ocupantes nacionais de Vargem Bonita já haviam morado pelo menos um ano na cidade; a porcentagem dos japoneses neste particular eleva-se a 77%. Ora, o diagrama n.º 5 mostra-nos determinadas relações entre o conhecimento da vida urbana e a adoção de inovações culturais.

— Menor experiência do crédito agrícola: enquanto 76,5% dos japoneses declaram já haver obtido crédito bancário, 41,2% apenas dos nacionais se encontram no mesmo caso. Fato mais grave, o diagrama n.º 6 mostra curiosa discordância entre a concessão dos empréstimos bancários para fins agrícolas e a frequência das técnicas de conservação dos solos. Por mais paradoxal que pareça, a calagem é menos utilizada pelos agricultores que já obtiveram empréstimos que por aqueles que nunca os obtiveram. Em outras palavras, o agricultor nacional não sabe fazer uso razoável do crédito bancário, do qual, por outro lado, possui pouca experiência. As entrevistas no campo confirmam o fato:

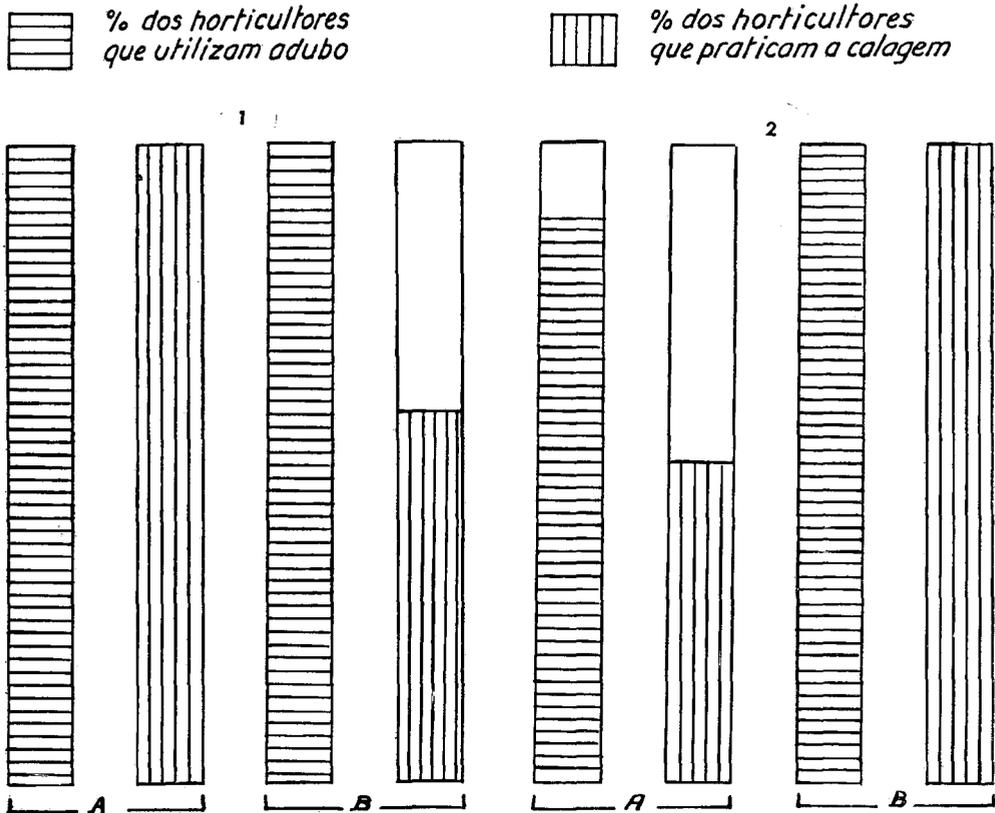


Diagrama 5 e 6

Núcleo hortícola de Vargem Bonita

1 — Relação entre crédito bancário e emprego de adubos e cal:
 A = horticultores trabalhando com crédito bancário
 B = horticultores trabalhando sem crédito bancário

2 — Relação entre a experiência urbana (permanência de mais de 1 ano em uma aglomeração urbana de mais de 2 000 habitantes) e o emprego de adubos e cal:
 A = sem experiência de vida urbana
 B = com experiência de vida urbana

muitos horticultores nacionais costumam não investir as somas, relativamente importantes que lhes foram emprestadas, na terra ou na produção agrícola em geral.

Portanto, quando não se encontra isolado, o lavrador nacional é capaz de rapidamente sobrepujar as lacunas de sua instrução e vencer com facilidade certos obstáculos que afligem ainda seus homólogos dos núcleos rurais isolados. Em suma, foi bastante pôr-lhe sob os olhos exemplos de melhorias visíveis para que logo as adotasse. Sob êste ponto de vista, a administração certamente contribuiu de modo decisivo para a promoção dos agricultores nacionais de Vargem Bonita ao instalá-los, com conhecimento de causa, ao lado dos horticultores japoneses. Mas, é também notável que os obstáculos mais tenazes aos progressos decisivos apareçam sobretudo em duas ocasiões: primeiro em relação a certos tipos de inovações, cujos resultados se fazem sentir apenas a longo prazo, como é o caso da calagem, prática esta que os sociólogos americanos reputaram desprovida de "visibilidade"; em segundo lugar, a respeito das formas de empréstimos bancários a muito curto prazo, que os agricultores, habituados a contar na escala do ano agrícola, sentem dificuldade em apreender, excetuando-se, talvez os que possuem certa experiência da cidade, portanto das somas mensais de dinheiro sob forma de salários.

D. NÚCLEOS RURAIS DOS "CITADINOS—CHACAREIROS"

Nos núcleos rurais precedentes e, em particular, nos de Taguatinga, a simples observação do *habitat* dos lotes rurais evoca, por vêzes, irresistivelmente o contrôle nascente dos cidadãos sôbre as terras de culturas. A presença de casas de madeira ou de tijolos, recém-construídas, por vêzes graciosas, já confere a alguns estabelecimentos um ar de casa de campo. Cêrcas elegantes, árvores ornamentais, garagens, às vêzes piscinas, completam, em raros casos, o quadro não próprio rural, onde as famílias cidadinas gostam de passar os *week-ends*.

Na vizinhança imediata do Plano-Filôto, êstes sinais, até então excepcionais, multiplicam-se a ponto de esboçar, em tórno de Brasília, as zonas rurais periurbanas características das grandes cidades brasileiras, onde muitos, de acôrdo com suas possibilidades, sonham possuir uma chácara, uma granja ou uma fazenda "hobby". Mas, no Distrito Federal, as iniciativas dos cidadãos não se restringiram ao "aménagement" de casas de campo. Os lotes rurais atraíram também importantes investimentos, que se aproveitaram da proximidade de um grande mercado de consumo para organizar estabelecimentos, com finalidades infinitamente mais comerciais que recreativas.

Os núcleos rurais de Alagado, Monjolo, Vargem da Bênção e Santa Maria agrupam 11,44% dos lotes do Distrito Federal. Registram-se apenas 8 agricultores japoneses em um total de 114 ocupantes. Já, em 1964, a maioria dos concessionários de Monjolo e de Vargem da Bênção era constituída de cidadãos (respectivamente 63,6% e 61,2%). Apesar de não dispormos de uma documentação atualizada que esclareça se a evolução prosseguiu no decorrer dos últimos anos, é possível registrar-se alguns sinais indiretos que demonstram que a implantação cidadina consolidou-se desde então. Dêsse modo, 7 ou 8 anos, apenas, depois de sua implantação, uma porcentagem respeitável dos lotes (entre 1/4 e a metade) abriga dois tipos de habitação: a do titular, ocupada sobretudo durante os *week-ends* e a, bem mais rudimentar, do operário encarregado dos trabalhos agrícolas. Êstes, por sua vez, a julgar-se (quadro n.º 4) pela pequena proporção das terras cultivadas, parecem pouco absorventes. Nestes lotes, que raramente ultrapassam 50 hectares, as culturas de subsistência fornecem poucos excedentes para venda. As

culturas são empreendidas segundo as técnicas dos roceiros, aliás as únicas que conhecem os trabalhadores, em geral nordestinos que habitam as chácaras. As colheitas comercializáveis consistem sobretudo em frutas cítricas e em ananás. Constituem novidades para agricultores brasileiros. Não são por sua vez plantações dispendiosas ou exigentes em mão-de-obra, pelo menos como o concebem os patrões ausentes.

Quadro n.º 4

	PERCENTAGEM DOS EXPLOTANTES QUE PRATICAM:					
	Avicul-tura	Cultura de ananás	Fruti-cultura	Horti-cultura	Cultura de subsistência	Forragens
Alagada.....	26,9%	84,6%	50%	23%	84,6%	34,6%
Monjolo.....	9,5%	66,6%	38%	9,5%	80,9%	47,6%
V. Bênção.....	20,8%	50%	64,6%	33,3%	50,6%	45,8%
S. Maria.....	5,5%	72,2%	44,4%	22,2%	83,3%	61,1%

	PERCENTAGEM DOS EXPLOTADORES QUE POSSUEM:			
	Dois habitats	Motor ou motobomba	Motocultor	Porcentagem da superfície cultivada sobre a superfície total dos lotes
Alagada.....	26,9%	7,7%	0	12,4%
Monjolo.....	23,8%	4,7%	4,7%	7,7%
V. Bênção.....	37,5%	27,1%	2,5%	21,23%
S. Maria.....	50%	22,2%	5,5%	6,3%

As culturas de legumes são empreendidas em número reduzido de lotes e quase não recorrem à mecanização. A irrigação, por exemplo, é feita por meio de poços ou de pequenos canais, segundo sistemas bem próximos daqueles dos roceiros de Taquara e Ponte Alta. Enfim, último indício de tradição, a criação de gado bovino, por mais reduzida que seja, ainda representa, para muitos cidadãos—chacareiros, um meio de ocupar as terras de cerrado que, em setembro-outubro, são muitas vezes queimadas ou revolvidas para, posteriormente, serem semeadas de pastagens artificiais.

As escassas inovações introduzidas pelos cidadãos surpreendem. Dêstes habitantes de origens muitas vezes rurais e que habitam, atualmente, em Taguatinga, Gama, Núcleo Bandeirante ou mesmo em Brasília, esperava-se que tivessem mais vigor e mais dinamismo em seu retorno à terra. Na realidade, salvo exceção,¹⁰ são, sobretudo, funcionários e comerciantes, cuja situação na cidade não é ainda suficientemente estável para que possam destinar alguns milhares de cruzeiros para equipar estabelecimentos agrícolas verdadeiramente rentáveis. Dêsse modo, fica-se a meio-caminho entre a casa de campo e a exploração com finalidades realmente comerciais.

O mesmo não ocorre em relação aos núcleos rurais de Sobradinho I e II. Nêles, penetramos no mundo privilegiado dos “Doutores-gran-

10 Em particular, alguns japoneses assinalados acima e certas associações ou ordens religiosas em Vargem da Bênção.

jeiros". Na qualidade de verdadeiros agricultores, o ACAR local contou apenas 27,5% após um inquérito recente. O restante é constituído de advogados, médicos, homens políticos, altos funcionários, etc. Constituem ao todo 90 lotes, uma minoria por certo, mas muito dinâmica, cujas realizações foram comentadas e imitadas.

O quadro abaixo, organizado como os precedentes a partir dos dados da NOVACAP, mostra grande variedade de atividades, entre as quais a criação de gado bovino, os pomares e as hortas parecem desempenhar um grande papel junto às culturas de subsistência. Mas, as paisagens são talvez mais eloqüentes que as estatísticas. Desde as casas opulentas até aos edifícios de exploração bem construídos, das verdes extensões de forrageiras aos pomares de formas geométricas, tudo indica grande facilidade de implantação e uma vontade deliberada de utilizar as mais

Quadro n.º 5

	PERCENTAGEM DOS AGRICULTORES QUE PRATICAM.					
	Avicultura	Cultura de ananás	Fruticultura	Horticultura	Cultura de subsistência	Culturas forrageiras
Sobrado I.....	14,28	60,71	58,92	35,71	44,64	75,00
Sobrado II.....	20,58	55,88	52,94	47,05	52,94	44,11

	PERCENTAGEM DOS OCUPANTES QUE POSSUEM:				
	Mais de 20 porcos	Duas casas	Motor ou motobomba	Motor ou motocoltur	Porcentagem de superfície cultivada sôbre a extensão total
Sobrado I.....	8,92	37,50	16,07	16,07	9,90 ha
Sobrado II.....	2,94	32,35	26,47	11,76	4,99 ha

recentes inovações. Certamente, nem tudo se encontra cultivado nestes dois núcleos rurais; por sua vez, nem tudo é sinônimo de rentabilidade, pois devemos considerar a parte onerosa da ostentação, tanto nas esplêndidas casas de certos cidadãos ricos (foto n.º 8), quanto nas rigo-

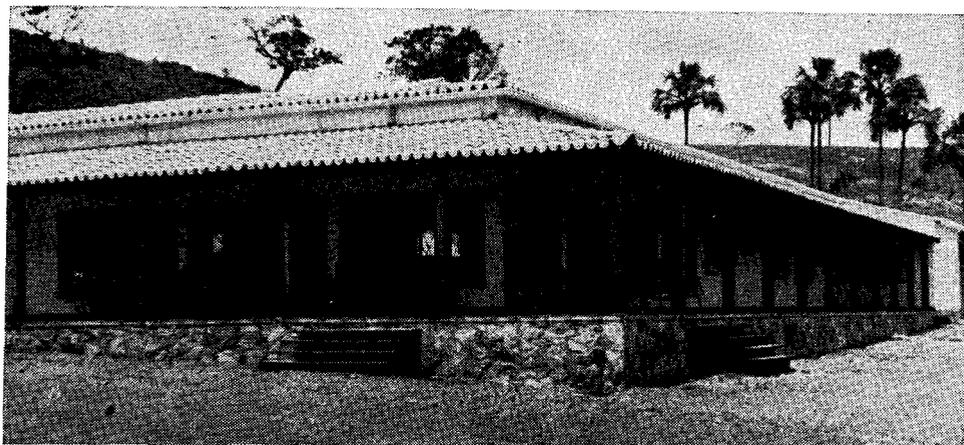


Foto 8.—Elegância e bom gosto de uma zona rural "urbanizada": Sobradinho I.

rosas e bem dispendiosas seleções zootécnicas que presidem a escolha das raças bovinas. Mas, por outro lado, êstes “gentlemen-farmers” estão, na verdade, realizando amostragens brilhantes do que conviria ser feito para melhorar de modo decisivo os sistemas de cultura e de pecuária em todo Planalto Central. Assim, em Sobradinho I, alguns criadores de gado holandês ou Jersey, dão o exemplo de um aperfeiçoamento zootécnico que, incontestavelmente, deve ser introduzido de modo progressivo nas fazendas tradicionais que estão iniciando a criação de gado leiteiro. A adoção, quase generalizada, de abrigos para o gado, de currais novos e verdadeiramente funcionais, de pastos plantados e de forragem de alto valor protéico têm, desde já, reduzido à percentagem muito baixa as taxas de mortalidade do gado e elevado, de modo sensível, as de fecundidade.

Apesar de menos difundida, a especialidade da avicultura de Sobradinho II é representada por quatro estabelecimentos que criam 65 000 a 70 000 frangos e entregam mensalmente perto de 25 000 cabeças à Cooperativa de Brasília e a um matadouro particular (Foto n.º 9). A

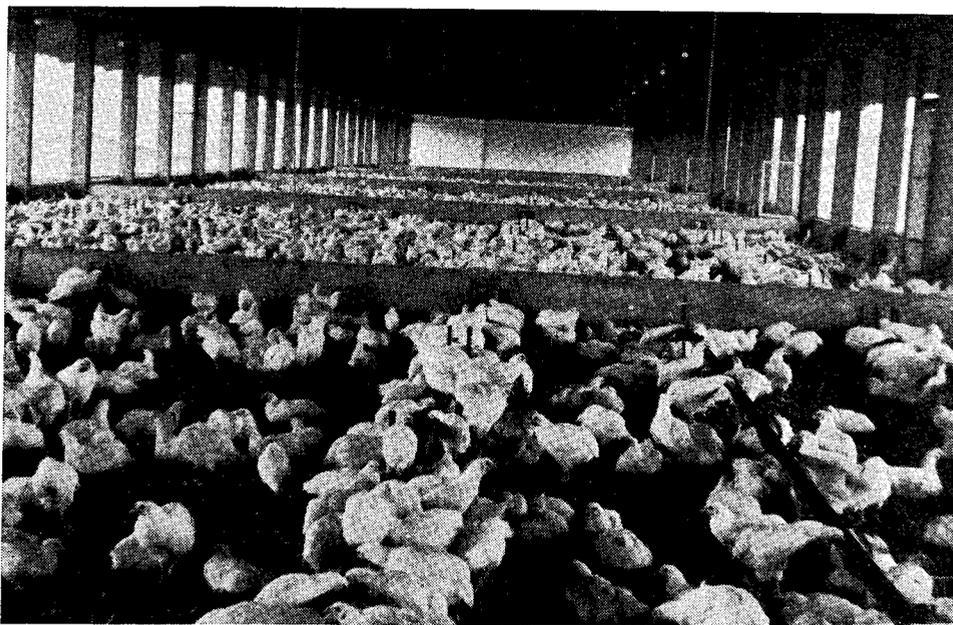


Foto 9 — Moderna criação de frangos em Sobradinho II.

raça mais difundida “Arbour Acres”, criada em galpão ou em viveiros, atinge, em 65 dias o peso médio de 1 kg e 650 g. A criação de galinhas é praticada segundo os mesmos princípios de seleção (raça Hy-Line) e de rentabilidade. As instalações reservadas a êste tipo de criação cobrem perto de 6 000 m², nos núcleos rurais de Sobradinho I e II. É com igual dinamismo que os setores agrícolas do Distrito Federal abrigam atualmente 5 criações modernas de porcos de raça Duroc, Landrace e New-Hampshire. Alimentados com os restos de comida dos hotéis, dos restaurantes e das casernas, devidamente protegidos contra a peste e a pneumoenterite, os porcos obtêm, em 6 meses, pesos médios de 86 kg.¹¹

As iniciativas cidadinas tendem, pois, a transformar os lotes de Sobradinho I e II em verdadeiras fazendas-modélo, que explotantes

11 Os dados em cifra nos foram fornecidos, gentilmente, pela ACAR de Sobradinho.

menos favorecidos procuram imitar. Mas, entre os cidadãos afortunados e os agricultores vizinhos, o acesso ao crédito bancário, fonte de grande parte das importantes novidades, é bem diferente. De fato, enquanto os primeiros, dispendo de bens imobiliários, não rurais, podem oferecê-los como garantia dos empréstimos agrícolas aos estabelecimentos oficiais de crédito, os segundos quase só podem propor as esperanças de colheita, o que limita os créditos oficiais a tetos relativamente baixos. Os agricultores mais evoluídos têm consciência desta discriminação. Para eles, a posse da terra seria o único meio de vencer o obstáculo fundamental a um progresso decisivo. Não obtendo satisfação pensam, do mesmo modo que a maioria dos melhores exploradores dos outros núcleos rurais, em fugir e se instalar nos municípios vizinhos de Goiás e Minas Gerais, onde lhes será possível obter, em pouco tempo, uma promoção econômica e social que reputam difícilíssima no Distrito Federal.

* * *

Assim, do estudo dos núcleos rurais do Distrito Federal pode-se tirar duas conclusões fundamentais. Uma concernente ao dinamismo de uma sociedade rural, de que não se pode negar a extraordinária faculdade de adaptação a novos meios físicos, econômicos e sociais. Foi bastante romper o isolamento de muitos destes agricultores para que esta qualidade fundamental desabrochasse, engendrando logo mudanças profundas nos sistemas agrários tradicionais.

A outra conclusão se prende à originalidade das relações entre cidades e áreas rurais no Distrito Federal. O interesse atual dos cidadãos em relação às terras dos núcleos rurais mais próximos das aglomerações urbanas tende a criar, em torno de Brasília, uma zona rural periurbana similar, pelo menos em aparência, às franjas "urbanas" que surgiram espontaneamente em volta das grandes aglomerações brasileiras. Esta evolução, como vimos, não é desprovida nem de rentabilidade, nem de interesse prático. Porém, neste caso, não é completamente espontânea sendo, muito desigualmente, ajudada pelos serviços oficiais de planejamento para as zonas rurais. Por outro lado, é, também, muito rápida, pois tem a seu favor a diferença de poder aquisitivo, existente entre os verdadeiros agricultores e os cidadãos. Mas não estará ela arriscando transformar, num prazo mais ou menos longo, as intenções iniciais da NOVACAP, pelo fato de favorecer uma verdadeira "urbanização" dos núcleos rurais? Se, de fato, esta evolução confirmar-se, dentro de alguns anos, teremos de procurar a verdadeira vida rural do Distrito Federal em um local em que não foi, exatamente, previsto, isto é, numa zona rural que fica fora dos núcleos rurais, onde fazendeiros e pequenos "invasores" são, desde agora, possivelmente mais numerosos que os titulares dos lotes da NOVACAP.

II — Uma área rural espontânea

O Distrito Federal Brasileiro constitui, também, um campo de eleição para o geógrafo e os especialistas de organização de território, que nele encontram oportunidade de estudar outras formas de ocupação do solo infinitamente mais espontâneas que a dos núcleos rurais. Erraria quem quisesse ignorar esta zona rural, pois ela ilustra de modo brilhante o dinamismo camponês que, atualmente, é encontrado em estado difuso na maioria das regiões rurais do Brasil.

Da extrema diversidade das formas espontâneas de ocupação e de utilização do solo, fora dos núcleos rurais, escolheram-se apenas dois tipos particularmente ricos em ensinamentos.

A. *MUTAÇÕES DAS FAZENDAS TRADICIONAIS DE CRIAÇÃO DE GADO*

Aos 103 antigos proprietários de terras do atual Distrito Federal, a NOVACAP não ofereceu apenas somas em dinheiro destinadas a saldar uma inevitável desapropriação. Na verdade, nos vários lugares em que se viu forçada a desapropriar, a administração concedeu aos antigos proprietários a oportunidade de continuar suas atividades em condições jurídicas definidas e técnicas novas. Os criadores de gado podiam, com efeito, com uma simples solicitação, tornar-se fazendeiros da NOVACAP e, desse modo, beneficiar-se das importantes ajudas financeiras e técnicas que ela proporciona a seus concessionários oficiais. Uma única restrição lhes era imposta: não podiam receber mais de 500 hectares de terras. Entretanto, os 42% das terras ainda não desapropriadas não foram tão pouco desertadas, apesar da completa incerteza acêrca de seu estatuto jurídico atual.

É, sobretudo, nestas terras, que não foram desapropriadas, que são encontradas hoje as fazendas sobreviventes do antigo sistema de exploração das terras, quase totalmente autárquico, muito comum nesta região isolada de Goiás, antes da criação de Brasília. Na periferia atual do Distrito Federal, e, em particular, a noroeste e a sudeste, os sistemas de criação de gado e de cultura pouco evoluíram durante os 20 últimos anos. A única inovação de importância consistiu na disseminação, mais do que na cultura, de sementes de "capim gordura", forragem de pouco valor, que resiste mal às queimadas da estação seca. De fevereiro a julho, o gado "pé duro", ligeiramente mestiçado de zebu, é mantido nestes pastos. Em agosto, depois das queimadas dos campos cerrados, o gado é solto nas colinas onde permanece até janeiro. As taxas de mortalidade, elevadas devido à pequena difusão das vacinas e à frequência relativa dos acidentes e das intoxicações pelas plantas venenosas (as ervas), acrescentam-se as baixas taxas de fecundidade de 60 a 65% por ano e por vaca de mais de 3 anos e meio a 4 anos. Nestes estabelecimentos de 50 a 100 alqueires em média, a agricultura ocupa os solos mais úmidos das bacias de recepção. O lavrador distingue dois tipos de solos: os considerados de primeira categoria, são rendzinas que dão rendimentos de 120 sacos de milho por um de semente; os latossolos pobres que dão apenas rendimentos de 40 sacos por um de semente.

Observam-se, relativamente, poucas modificações fundamentais do tipo endógeno, isto é, realizados pelos próprios antigos proprietários. Entretanto, alguns casos de reconversões locais são registrados em torno da Fercal e no alto vale do rio Contagem, no local denominado Rua do Mato. A proximidade do mercado de consumo criado pela Fercal tem, com efeito, suscitado, em solos de rendzina, uma exploração mais intensa que a antiga. As alterações não constituem, em geral, verdadeiras inovações, pois os lavradores locais — sobretudo os de origem baiana — em grande parte generalizaram as culturas já praticadas antes da criação do Distrito Federal. Assim, as culturas de roça nas altas vertentes, de bananais nos declives médios e inferiores e as pastagens artificiais nos fundos úmidos, tendem a cobrir tôdas as terras aráveis. Na verdade, foram antes desenvolvidas sistematicamente a policultura tradicional e uma pequena criação de gado leiteiro em pastagens plantadas, do que a especialização de antigas fazendas de gado

com uma ou duas produções comerciais definidas. Entretanto, certas técnicas novas aparecem; assim, um canal de irrigação de dois quilômetros capta a água nas nascentes do rio, trazendo-a por gravidade para uma horta localizada a jusante. Na Rua do Mato, e nas fazendas vizinhas, o *habitat* tradicional de adôbe e as ingênuas invocações aos santos protetores lembram que esta sociedade esteve por muito tempo isolada. Se os habitantes exaltam com frequência as vantagens que a criação de Brasília lhes trouxe (estradas, escolas, médicos), manifestam, ainda, uma extrema reserva em relação aos créditos agrícolas e a uma mecanização que seria, entretanto, ideal para aliviar o esgotante trabalho das mulheres de famílias de origem baiana.

De fato, entre as 278 fazendas de criação de gado bovino registradas pelo I.B.R.A. em 1967¹² e cujas terras (perto de 34 000 hectares) ainda não foram incorporadas aos núcleos rurais ou às vastas extensões reservadas aos diversos ministérios, 44 apenas se encontram, atualmente, em fase de mutação de tipo, sobretudo exógeno.¹³ Cidadinos de diversas origens atraídos a Brasília e alguns criadores mineiros ou goianos já familiarizados com as técnicas de criação semi-extensivas têm, de fato, amplamente difundido a criação de gado leiteiro em certas regiões do Distrito Federal. A Cooperativa de Leite de Brasília recebia, antes da crise por que acaba de passar, notáveis entregas quotidianas de leite do noroeste (vales dos rios Contagem, Sonhém e Maranhão) e do Centro-Leste (afluentes da margem direita do rio São Bartolomeu). Apesar de surpreendentes exceções, os novos criadores de gado bovino instalaram-se em terras que a NOVACAP concedia aos antigos proprietários expropriados que, por diversas razões, haviam, muitas vezes, vendido seu direito de ocupação e ido se instalar em “vãos” próximos ao Distrito Federal.

Dos diversos setores de criação de gado leiteiro, o mais espetacular é certamente o dos “Doutôres-fazendeiros” do Sonhém de Baixo e de Cima (vales do Contagem e do Sonhém) em que três fatores fundamentais explicam a implantação de alguns estabelecimentos bem modernos de pecuária leiteira. A riqueza natural dos solos, que assentam em base calcária, facilitou de início as culturas de forragens. Em segundo lugar, êste setor, estando próximo de Brasília, é bem servido em relação às estradas. Enfim, e sobretudo, devemos levar em consideração uma espécie de moda que, no decorrer dos anos de 1960 a 1963, se implantou na classe abastada dos homens políticos e dos altos funcionários. Nesta época, de fato, as distrações não abundavam em Brasília para homens cuja importância dos salários só se igualava à imensidade do tédio. Investir em terras e organizar fazendas *hobby* foi, para êles, ao mesmo tempo, um derivativo de *gentlemen-farmers* e um meio de empregar um numerário que corria o risco de fundir-se rapidamente diante da ameaça inflacionária.

A transformação de antigos estabelecimentos de criação extensiva de gado foi, consideravelmente, facilitada pela NOVACAP que emprestou máquinas de abrir estradas e de limpar pastos naturais. Quebrado o isolamento, os novos criadores de gado construíram bonitas casas, novos edifícios de exploração e imaginaram currais mais funcionais que os rústicos cercados de madeira, onde o gado “pé-duro” era tratado de modo sumário. Êstes neocriadores dedicaram-se às forragens, desen-

12 Segundo um levantamento efetuado pela P.L.A.M.A.M. de Brasília e concernente aos fornecedores de leite do Distrito Federal filiados à cooperativa leiteira de Brasília.

13 Instituto Brasileiro de Reforma Agrária. Área prioritária de Brasília. Dados estatísticos. Totais municipais. Departamento do Cadastro e tributação, Seção de contrôles estatísticos, 1969.

volveram primeiro as pastagens artificiais de “capim-gordura”, “Colônião” e “Jaraguá”, depois cultivaram forragens de reserva, destinadas a constituir suplementos de alimentação e durante a estação seca (cana-de-açúcar própria à forragem, diversos tipos de forragens tropicais derivados do capim elefante, como o Napier e o Mineirão). Paralelamente, o gado foi sendo cruzado, de modo progressivo, primeiro com zebus Gir e Guzerat, depois com vacas holandesas. Em particular, o cruzamento, já muito apreciado pelos criadores do sul de Minas Gerais, entre o zebu de raça Gir e o gado holandês, engendrou a variedade Gir-Holanda, bem adaptada ao meio local, pois é, ao mesmo tempo, resistente à seca e boa leiteira.

Entretanto, as criações de gado leiteiro não atingiram uma rentabilidade satisfatória. As melhores vacas dão 8 a 12 litros por dia e por cabeça, na estação úmida e apenas 4 litros, na estação seca. A produção média de todo o rebanho seria de 4 litros por cabeça e por dia. O desmame tardio dos bezerros, a prática assaz corrente de uma única ordenha por dia, e os longos percursos quotidianos das vacas leiteiras, sôltas em pastos ainda pouco divididos, explicam os resultados relativamente modestos dos estabelecimentos. Entretanto, os novos criadores deram, pelo menos, o exemplo de indispensáveis melhorias zootécnicas, de construções, novas e racionais, e de cuidados profiláticos que eram totalmente desconhecidos antes de suas instalações.

Os exemplos foram, na verdade, seguidos. Mas, as mudanças nem sempre foram tão radicais, como é possível constatar-se pela simples observação das paisagens agrárias atuais. O *habitat* de muitas fazendas de criação de gado leiteiro, do Distrito Federal, permaneceu o da tradicional fazenda goiana, com suas casas baixas de muros de adôbe ou de pau-a-pique, sua sala de recepção sumariamente mobiliada de um banco, uma mesa, de algumas banquetas, dando diretamente para um pátio. O paiol, o galinheiro, a pocilga e um grande pomar atrás da casa evocam a vida isolada do homem do campo dos anos 50, voltada para si mesma, e que só abandonava para comprar o sal necessário aos animais e as raras mercadorias não produzidas pela própria fazenda. Situada, geralmente, junto a um riacho ou a um rio, a sede comandava um pequeno mundo de vaqueiros e de agregados, cujas casas rústicas ainda podem ser vistas no cerrado. Entretanto, Brasília veio transtornar esta vida tranqüila, mas rude. Aos vaqueiros e aos meeiros ela revelou, de uma só vez, o motor que, aliás, foi adotado com extrema facilidade, os salários mensais regulares e o transistor. O equilíbrio tradicional das fazendas deveria naturalmente ser abalado, pois muitos trabalhadores partiram para a cidade. As moças, por seu lado, encontraram empregos de domésticas que lhes revelaria, de modo brutal, possibilidades inimagináveis de emancipação. Com a chegada dos novos donos, os velhos currais de troncos mal talhados tornaram-se apenas vestígios, sendo substituídos por currais novos e parcialmente cobertos, onde se dispensam aos jovens animais cuidados que, alguns anos antes, teriam sido considerados um luxo. Nos confins das fazendas surgiram rústicos recintos, cercados e cobertos; são os retiros onde as vacas são ordenhadas.

Tudo indica, pois, um comêço de mutação. Esta, entretanto, não foi tão profunda quanto nas fazendas dos doutôres citadinos. Os resultados de um inquérito realizado em 1967,¹⁴ tanto quanto as recentes visitas o confirmam. Na realidade, estas fazendas não constituem ainda verdadeiros estabelecimentos dedicados à produção de leite; estariam

14 Plano de melhoramentos da alimentação e do manejo do gado leiteiro. Projeto Brasília — 1968.

antes situadas entre as explorações tradicionais de criação de gado de corte e as fazendas de gado leiteiro tais como são encontradas, por exemplo, no sul de Minas Gerais. A pequena porcentagem de vacas em lactação (17,13%) e a cifra ainda elevada dos machos (24,52%) ilustram razoavelmente esta fase de transição durante a qual, entretanto, um esforço de melhoria zootécnica do rebanho foi iniciado, pois já há 4,10% de touros de raça. Infelizmente, a ausência de inseminação artificial, e o pequeno controle nos cruzamentos limitam os resultados das dispendiosas aquisições do gado de raça. Nestas savanas, onde o curral e um ou dois "piquetes" constituíam, em relação ao gado, há vinte anos apenas, os únicos locais cercados, a divisão dos campos foi iniciada. Contam-se, atualmente, 3 a 4 pastagens cercadas para exploração; outras estavam sendo construídas por ocasião dos inquéritos. Por outro lado, os criadores de gado compreenderam que as pastagens plantadas, e as forragens, salvaram muitos animais durante a estação seca e adotaram este gênero de cultura, (em 1967 4,4% da superfície das terras lhes eram destinadas). Nesta data, ainda se praticava a queimada em quase três quartos dos estabelecimentos, mas na maioria dos casos era realizada segundo a técnica do "fogo raso", isto é, imediatamente depois da primeira chuva, o que limita seus efeitos nocivos. Os criadores explicam muito simplesmente a sobrevivência desta prática: consideram-na como sendo a única ao mesmo tempo econômica e eficaz para limpar os pastos, matar cobras e carrapatos. As queimadas fazem, também, brotar a erva tenra do fim da estação seca, em uma época em que as gramíneas dos cerrados são pura celulose estéril. Mas, paralelamente, observa-se que as limpezas mecânicas dos campos já foram empreendidas em 86% dos casos. Corresponde à mesma mistura de tradição secular e de práticas modernas, que se deve relacionar aos cuidados atuais dispensados ao gado. De um lado, com efeito, nenhuma fazenda possui tanque para os banhos de carrapaticida; a verminose é combatida apenas em 16,4% dos casos; a brucelose e a tuberculose não são praticamente evitadas e a vacina contra a pneumoenterite, tão terrível para os jovens animais, só é aplicada em 11,2% dos casos. Mas, por outro lado, a totalidade dos bezerros é vacinada contra o carbúnculo sintomático, 3/4 são tratados para prevenir as infecções umbilicais que se seguem ao nascimento, enquanto a febre aftosa é combatida por vacinas, de quatro em quatro meses, em aproximadamente um terço dos estabelecimentos.

Para apreciar-se, válidamente, a extensão das transformações e de seus resultados ainda bem modestos (média quotidiana de 1,6 litro de leite por vaca), seria preciso situá-los objetivamente em uma escala de valores. Um meio de apreciar estes valores nos é oferecido pelo método de um sociólogo americano que se propõe classificar as inovações segundo sua ordem de complexidade em relação aos lavradores tradicionais, a quem elas são propostas. Consideradas sob este ângulo, as transformações introduzidas, por modestas que possam parecer, são interessantes, pois abrangem simultaneamente os três fatores de produção das explorações tradicionais. O fator capital foi seriamente revisto, uma vez que os investimentos são assaz pesados (cêrcas, compras de reprodutores, vacinas) e desprovidos, em parte pelo menos, de rentabilidade imediata. Ao empreender as inovações que lhe pareceram imediatamente necessárias, o pecuarista operou apenas uma seleção entre seus investimentos. Por outro lado, o próprio fator trabalho foi modificado, tornando-se necessário aumentar a mão-de-obra e pagá-la por mês, e renunciar parcialmente ao tradicional regime de exploração indireta, no

qual os colonos têm direito a uma parte dos produtos e ao regime de meação. As entradas regulares de dinheiro, provenientes das vendas quotidianas de leite facilitaram, sem dúvida, as transformações fundamentais da sociedade tradicional do Planalto Central. Quanto ao fator terra, evidentemente, que deverá ser, daqui em diante, encarado sob um ângulo bem diferente daquele de 20 anos atrás; pois, na melhor das hipóteses, o atual criador de gado do Distrito Federal tornou-se um fazendeiro, e não apenas um proprietário incontestado. Enquanto não regularizar a situação jurídica das terras que explora é um expropriado em potencial, ou um simples "invasor" das terras da NOVACAP. É evidente que estas formas de posse da terra conferem um valor todo especial às inovações realizadas até aqui.

Mas, é verdade também que, mesmo sendo autênticos invasores do estreito ponto de vista jurídico, estes exploradores continuam sendo fazendeiros, isto é, proprietários de gado, portanto, invasores de um tipo que a sociedade local admite e respeita. Aliás, o termo "invasor", jurídico em sua fonte, porém nitidamente social nos fatos, é, em geral, reservado de preferência aos que nada possuem.

B. OS PEQUENOS INVASORES RURAIS

A instalação, caracteristicamente ilícita, de agricultores em terra do Estado não é peculiar ao Distrito Federal. Os que aí são denominados "invasores" pertencem, de fato, à massa dos posseiros que são encontrados, tanto no passado quanto nos dias atuais, na vanguarda das frentes pioneiras, mais ou menos espontâneas, ao longo das estradas recentemente abertas nas florestas ou em regiões de solos novos, esquecidos pela colonização oficial. Esta última, ela própria, não tem sido poupada por este gênero de ocupantes no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná. São chamados de intrusos, mas sua presença, há muito tempo, deixou de surpreender aos agrimensores e aos inspetores da colonização. Quando não são sumariamente expulsos pelos proprietários das terras que ocupam, os posseiros são tolerados ou encaminhados a outras terras, por uma administração benevolente que não desejaria utilizar-se da força para resolver uma situação jurídica de consequências sociais embaraçosas. No Distrito Federal, grande número de roceiros, empregados nas construções durante o período dos grandes trabalhos ou simplesmente atraídos pela perspectiva de mirabolantes e fáceis conquistas de terra, alojaram-se finalmente nas da NOVACAP, sem que tivessem qualquer autorização.

Entretanto, esta desenvoltura, em face da legislação fundiária, não caracteriza apenas agricultores necessitados. Pertence, também, a profissionais, intermediários, astutos e pouco escrupulosos que rapidamente compreenderam o quanto a ocupação sistemática das terras da NOVACAP podia dar lugar a negócios lucrativos. Estes "pequenos grileiros", dos quais, certamente, seria bem interessante conhecer-se a origem social, intitulam-se simplesmente "ocupantes" de uma terra da qual vendem, em seguida, o direito de ocupação a autênticos lavradores. Espontaneamente, um mercado de terras invadidas se estabeleceu com suas regras e suas tarifas. A maior ou menor proximidade da cidade ou de estrada, a própria qualidade da terra e de seus recursos em água, a presença ou ausência de um barracão, fazem com que um hectare possa ser vendido de 300,00 a 2 000,00 cruzeiros. Em outras palavras, tais "direitos de ocupação" das terras invadidas podem ser mais elevados que a "indenização" exigida pelos arrendatários que saem da NOVACAP.

Aos compradores mais cautelosos, os invasores profissionais são mesmo capazes de assinar um ato em presença de um tabelião, com todos os requisitos exigidos, mas naturalmente desprovido de qualquer valor jurídico.

1) *Os diversos tipos de pequenos invasores rurais*

Entre os invasores atuais, que se dedicam às culturas nas parcelas por eles ocupadas, é preciso distingüir-se os operários lavradores e os verdadeiros agricultores.

Os primeiros situam-se, sobretudo, nas proximidades dos raros estabelecimentos industriais, localizados fora do Plano-Pilôto ou nos subúrbios do Núcleo Bandeirante. Em tôrno da FERCAL, por exemplo, os operários-lavradores são numerosos. Excluindo-se os que se instalaram perto da própria usina, e cujas atividades agrícolas se reduzem à manutenção de uma pequena horta doméstica, a maioria desses trabalhadores procura a proximidade das estradas e dos afluentes do rio Contagem para aí instalar suas casas e suas roças. Registra-se grande número de nordestinos, cujas numerosas famílias se instalaram em alguns tratos de estreito terraço fluvial e vivem em sumárias casas de adôbe, de pau-a-pique ou de tijolos crus, cobertas de sapé. Os materiais são de fabricação local. Encontram-se relativamente poucas cabanas feitas de pedaços de tábuas, de barrotes ou de folhas de zinco. São freqüentes, entretanto, na periferia das cidades-satélites e no Núcleo Bandeirante. Deve-se isto ao fato de que o relativo afastamento da Capital limitou o transporte dos restos de armações e de outros materiais, que os habitantes dos subúrbios utilizam para a construção de seus abrigos durante os *week-ends* brasileiros.

Nas ribanceiras abruptas dos rios e dos riachos, surgem palmeiras babaçu nativas, bem conhecidas das famílias nordestinas, e cujas amêndoas servem à alimentação dos homens e dos porcos, e as suas palmas de cobertura para as casas. As roças de milho, de feijão e de mandioca se sucedem nas vertentes de solos derivados do calcário e ainda atravancadas de troncos calcinados. As bananeiras, enfim, crescem vigorosamente sôbre os *rendzines*, e proporcionam algumas vendas para as elementares lojas de alimentos, próximas à usina ou instaladas às margens das estradas.

Os verdadeiros agricultores são ainda raros na periferia imediata ou no próprio interior do fervilhante Núcleo Bandeirante. Os vales do Vicente Pires, do Riacho Fundo e de seus afluentes delineiam aí sulcos de verdura entre os agrupamentos desordenados de cabanas e barracos de madeira. De início, não se vislumbram nem campos, nem sulcos e elevações de terra, mas antes um emaranhado de verdura, em que as bananeiras, a cana-de-açúcar e algumas culturas alimentícias alternam-se com a vegetação natural dos brejos. As próprias casas de madeira obedecem a um único critério de localização: o de fugir dos solos inundáveis. Uma observação mais minuciosa, alguns inquéritos, nos quais a desconfiança inicial é, rapidamente, substituída por encantadora e humilde cortesia, nos mostram a existência de uma aglomeração pobre em que cada um dá provas de engenhosa minúcia para explorar seu pequeno pedaço de terra. Em alguns tratos, não é fácil desenvolver plantas alimentícias para o consumo familiar e ainda alguns legumes destinados à venda na feira-livre da cidade mais próxima. Entretanto, é o que procuram realizar muitas famílias, fora das horas extenuantes dos trabalhos cotidianos. Das hortas, regadas por meio de grandes latas de conserva, obtêm-se legumes de ciclo vegetativo rápido, em que domi-

nam diversas variedades de alfaces e de repólho. O milho associado ao feijão, à abóbora e à melancia, algumas latadas de chuchu ocupam os solos mais enxutos, enquanto as bananeiras e os mamoeiros dominam, de longe, o estrato superior cultivado. Seria vão falar-se de adubos ou de calagem num meio em que os fins de mês são difíceis e é preciso vestir a numerosa família, antes de enfrentar tais luxos que, entretanto, não são ignorados. Mas, os detritos domésticos e os da limpeza urbana, ainda mais numerosos, adubam as terras, cujo repouso não é cogitado. Entre as plantas e árvores cultivada, poucas são as espécies com prazos prolongados de produção; tais como as frutas cítricas (lima, laranja, tangerina, *grape-fruit*, etc.). De fato, é necessário produzir rápido nesta periferia da cidade livre ou ao longo dos riachos que a atravessam, pois qualquer atividade agrícola só pode ter como objetivo um curto prazo, única escala cronológica que um invasor consciente tem direito de considerar.

Porém, por mais insignificante que sejam, estas culturas suburbanas, surgidas espontaneamente, em tão reduzido número de anos, impõem uma conclusão ao geógrafo habituado aos roceiros das zonas mais afastadas ou isoladas. De fato, diante de imperiosas necessidades vitais, e habitando perto de uma feira onde as vendas são relativamente fáceis, êstes semi-itinerantes tornaram-se, apesar das péssimas condições de ocupação das terras, adeptos de uma agricultura intensiva. Em suma, capoeiras e coivaras são esquecidas quando as estradas e os mercados aparecem...

Distantes algumas centenas de metros das últimas casas do Núcleo Bandeirante, as paisagens agrárias do vale do Vicente Pires e de seus afluentes apresentam outras formas de adaptação dos invasores aos meios naturais variados. Enquanto parte da margem esquerda foi, recentemente, “desembaraçada” da maioria dos invasores, o percurso da margem direita e de seus afluentes, nas péssimas pistas sacolejantes, oferece uma infinita variedade de sistemas de exploração e de modos de posse da terra. Entre as raríssimas chácaras opulentas, em vias de serem legitimadas ou transformadas em lotes de mansões suburbanas, e o mais miserável dos barracos, no qual é preferível permanecer escondido a ouvir o que o cidadão que desce da viatura oficial pode declarar de inquietante, o geógrafo constata dois traços comuns: uma idêntica vontade de viver melhor e uma ansiosa procura das terras negras próximas aos rios e riachos.

Com efeito, para os ocupantes dêstes vales, a pista que serpenteia à meia vertente separa o mundo dos invasores sem água, daquele dos que puderam “comprar” uma chácara em solos úmidos. Os primeiros construíram tristes filas de barracos perto da estrada e tentam, por vezes, arrancar de solos ingratos do cerrado algumas toneladas de mandioca e magras colheitas de milho e de feijão. De longe em longe, um amontoamento de detritos derramados por algum caminhão da prefeitura, dará lugar, talvez, a que ali se instale uma horta, cujo cultivo dependerá da água de poço, desde que o lençol freático não exceda alguns metros de profundidade — ou trazida em baldes, de um rio mais próximo. Um levantamento similar ao que a NOVACAP realizou nos núcleos rurais revelaria, certamente, vários aspectos interessantes que não puderam ser descobertos pela simples observação. Não se dispondo dessa documentação¹⁵ fica-se reduzido a rápidos inquéritos, dos quais sobressai o fato de os chefes das famílias, em geral numerosas, que habitam

15

A documentação em referência deve, entretanto, existir, segundo declarações de invasores que se dizem solicitados, muitas vezes, por organismos oficiais de pesquisa para fins de levantamentos estatísticos.

os setores pouco favorecidos do vale do Vicente Pires, exercerem, muitas vezes, algum emprêgo na construção, na indústria ou nos transportes, em Taguatinga ou no Núcleo Bandeirante. A água, a eterna água, impede as culturas de hortaliças a que se dedicam vizinhos mais favorecidos. Estes agricultores sonham então com as belas florestas do vale do Urucuia, do qual são elogiadas, embora sem conhecê-las bem, as maravilhosas colheitas de arroz obtidas com pouco esforço. Desde que surjam as propostas vantajosas de meiação, ao apêlo de um parente já instalado no local ou ainda a perda do emprêgo no Distrito Federal, êles partem em direção à bela floresta mineira, ignorando que as enchentes dos terraços, de solos tão ricos, a malária ou o mal de Chagas desencorajam por vezes as melhores intenções.

Do lado bom da estrada dominam os hortelãos. De acôrdo com a maior ou menor proximidade da cidade, é possível distinguir-se dois setores:

— O baixo vale do Vicente Pires, entre as confluências da Vereda da Cruz e a do Riacho Fundo. Nêle as parcelas se imbricam sendo, em geral, de pequena extensão. A superfície média das 22 explorações visitadas eleva-se apenas a 2,09 ha.

— O médio e alto vale do Vicente Pires, de ambos os lados da estrada que liga Taguatinga a Brasília, até à confluência do riacho Cano do Reino, compreendendo o vale do riacho Samambaia, constituem um segundo setor. Justifica-se a denominação de chácara, dada geralmente às explorações dêste setor, tanto mais quanto a superfície média das parcelas seja de 6,9 ha (segundo a amostragem que abrange 21 explorações) e também porque japoneses e nacionais criaram uma ambiência bem semelhante à de certos núcleos rurais. (Foto n.º 10 e 11).

Além dêste último aspecto, a similitude das condições físicas (solos negros, vales largos do coletor e secção em V de seus afluentes) entre os setores invadidos e certos núcleos rurais oficiais da NOVACAP induz, inevitavelmente, à comparação entre as duas formas de ocupação do solo. Foi o que fizemos quando adotamos (ver indicações em anexo) os questionários aplicados nos núcleos rurais.

2) *Os pequenos invasores hortelãos do Vicente Pires*

Para se ter uma medida realmente válida dêsses hortelãos, seria necessário dispor de dados estatísticos aos quais, infelizmente, não tivemos acesso. Nestas condições, recorreremos a um método que consistiu em aplicar-se os questionários em oito pontos diferentes do vale (cf. carta) do Vicente Pires e de seus afluentes. Tôdas as vezes foram feitas visitas a 5 ou 6 exploradores vizinhos, tendo o cuidado de não eliminar qualquer dos hortelãos dos setores. Estes, depois de minuciosa observação da paisagem e de algumas entrevistas preliminares, foram escolhidos como os mais representativos do vale. Tal método, apesar de pouco ortodoxo, poderá conseguir resultados, se não absolutamente certos, pelo menos com algumas orientações de trabalho, utilizáveis em estudos mais aprofundados de especialistas em organização do território.

O exame dos 43 questionários aplicados permite, em todo caso, situar melhor os invasores em relação a quatro pontos de vista: família, relações com a terra, sistemas de culturas e projetos.



Fotos 10 e 11 — Entre os invasores do vale do Vicente Pires: as terras negras dos fundos do vale são cultivadas de maneira intensiva pelos ocupantes, sem título de propriedade (no alto). A construção de barragens elementares cortando o curso de um regato resolve, algumas vezes, o problema da irrigação entre os ocupantes de terras próximas à água (em baixo).



Quadro n.º 6

16	17	18	19	20	21	28	29	32
84%	65,9%	43,1%	64,1%	69,6%	86,3%	51,8%	79,5%	72,7%

- 16: Percentagem dos explotores que utilizam estrume ou detritos urbanos
 17: Percentagem dos explotores tendo já utilizado os adubos químicos
 18: Percentagem dos explotores que já utilizaram a calagem
 19: Percentagem das esposas que ajudam nos trabalhos dos campos
 20: Percentagem dos filhos que ajudam nos trabalhos dos campos
 21: Percentagem dos explotores que se pronunciam a favor da policultura
 28: Percentagem dos explotores que se pronunciam a favor das queimadas
 29: Percentagem dos explotores que crêem na influência da lua sôbre a época das sementeiras.
 32: Percentagem dos explotores que vendem diretamente na cidade.

Quadro n.º 7

2	4	6	8	9	23	24
44 meses 4 meses	29 meses 19 dias	27,2%	43 meses 27 dias	45,4%	25,5%	37,2%

- 2: Idade média dos explotores
 4: Tempo médio de ocupação
 6: Percentagem dos explotores que exercem uma outra atividade não agrícola
 8: Tempo médio de instalação em terra invadida
 9: Percentagem dos explotores tendo habitado mais de ano na cidade
 23: Percentagem dos explotores que tencionam vender ou trocar suas terras
 24: Percentagem dos explotores que têm intenção de vendê-las caso apareça uma boa ocasião

Os invasores do Vicente Pires provêm sobretudo de Goiás (40,9%) e do Nordeste (20,45%); e em menor escala, de São Paulo (18,18%) e de Minas Gerais (11,36%). Deveria, portanto, haver um pouco mais de nordestinos que nos núcleos rurais. Pela idade média, os chefes de exploração são apenas ligeiramente mais jovens que seus homólogos arrendatários da NOVACAP, mas o grau de instrução que possuem e a percentagem de analfabetos que aí se encontram (40,9%) os aproximam dos roceiros de Taquara e Ponte Alta. A semelhança dos últimos, possuem famílias numerosas, de 5 a 6 filhos, em média. Por outro lado, êstes homens nem sempre são agricultores vindos diretamente de zonas rurais para Brasília, pois aproximadamente a metade já morou em cidades, pelo menos um ano, antes de invadir as terras do vale do Vicente Pires. Enfim, alguns dêles não fazem da agricultura sua ocupação exclusiva, pois exercem, ao mesmo tempo, outra atividade. Em resumo, pondo de lado a última particularidade, estas famílias não são de modo fundamental diferentes das dos explotores brasileiros dos núcleos rurais.

Os invasores habitam há muito tempo o vale do Vicente Pires. Certamente, foram no passado bastante instáveis, uma vez que quase um terço dêles já trabalhou em outras terras do Distrito Federal, antes de se instalarem no vale. Porém, uma vez instalados, não demonstraram um desejo maior de vender seu direito de ocupação que o manifestado pelos hortelãos brasileiros de Vargem Bonita (mais ou menos 25% em ambos os casos). Apenas a perspectiva de uma venda excepcionalmente vantajosa induziria mais de um terço dêles a partir.

Do ponto de vista das técnicas de cultura, os invasores são, por certo, originalmente roceiros tradicionais, pois a maioria permanece favorável à policultura e acredita na influência da lua sobre a época das sementeiras, enquanto que 29,5% apenas declaram-se francamente contrários às queimadas. Notemos, entretanto, que estes resultados diferem bem pouco dos obtidos através de inquéritos junto aos exploradores brasileiros dos núcleos rurais.

Por outro lado, surpreende o grande número de invasores que utilizam o estrume ou os detritos urbanos e que já praticaram a calagem e a correção química dos solos. Neste ponto, os hortelãos de Vicente Pires são nitidamente superiores aos roceiros dos núcleos rurais de Taquara e Ponte Alta. O trabalho familiar é, por sua vez, amplamente solicitado, pois as mulheres e os filhos tomam parte nos trabalhos agrícolas em proporções próximas dos 2/3. Enfim, apesar da falta de meios de transportes, estes exploradores compreenderam que é melhor vender nas feiras, ou, pelo menos, entregar diretamente suas colheitas aos comerciantes da cidade, que remetê-las aos intermediários que passam pelas fazendas.

Eis, portanto, uma comunidade rural que, apesar de ser composta de invasores, e de totalmente abandonada pelos serviços oficiais, implantou-se de modo assaz sólido e adotou amplamente sistemas novos de cultura. Em muitos pontos já estão mais adiantados que os exploradores brasileiros de Taquara e de Ponte Alta os quais, certamente, se encontram quase tão desprovidos de ajudas financeiras e técnicas quanto êles, mas sem enfrentarem o obstáculo de uma situação jurídica adversa.

Quadro n.º 8

26	31	33	34	35
69,7%	79,5%	25%	77,2%	6,8%

26: Percentagem dos exploradores satisfeitos com sua situação atual

31: Percentagem dos exploradores que têm intenção de introduzir inovações ou melhorias em seus estabelecimentos

33: Percentagem dos exploradores que conhecem um engenheiro agrônomo

34: Percentagem dos exploradores favoráveis ao crédito agrícola

35: Percentagem dos exploradores tendo já se beneficiado de um empréstimo bancário.

Fato ainda mais extraordinário, os invasores têm projetos de verdadeiros agricultores e sabem perfeitamente como realizá-lo. A maioria deles desejaria aumentar a superfície cultivada em legumes, mas lamenta não poder pôr em prática este desejo por falta de dinheiro (perto de 1/4) ou de outros meios de intensificar as culturas. Em relação ao último ponto de vista, 23,2% deplora a falta de adubos, de inseticidas e de instrumentos.

No total, os invasores de Vicente Pires nos pareceram constituir uma comunidade rural já enraizada e desejosa de explorar ao máximo as possibilidades de venda que lhes oferece um mercado de consumo próximo. Dois resultados, enfim, merecem chamar a atenção, tanto mais quanto são surpreendentes, pelo menos em aparência: quase 70% dos invasores declaram-se satisfeitos com sua situação atual e apenas 4 sobre 43 consideram que a falta de título de propriedade ou de arrendamento constitui um inconveniente ponderável. Na realidade, são agricultores que querem trabalhar e sobretudo desligar-se de um passado miserável e de suas penosas lembranças de uma vida por longo tempo feita de desemprego e, por vèzes, de fome.

Conclusões sôbre uma realidade rural de nossos dias

De tudo que precede, uma conclusão parece impor-se de modo incontestável: quer seja rico, quer pobre, proprietário a título provisório, fazendeiro ou invasor, absenteísta ou verdadeiro agricultor, o explorador do Distrito Federal adaptou-se com notável rapidez às condições fundiárias e econômicas totalmente novas impostas pela NOVACAP. Nos lugares em que, há vinte anos, apenas existiam fazendas de criação de gado bovino, completamente extensiva, apareceram formas novas de utilização dos solos, com finalidades francamente comerciais, que transformaram de maneira quase total os sistemas tradicionais de cultura e de pecuária.

Este dinamismo em matéria de inovação rural não é particular ao Distrito Federal. Poder-se-iam multiplicar os exemplos de mutações que, atualmente, estão se processando em certas regiões do Sudeste do país. Se um tal dinamismo está, hoje, dando sua plena medida, nas zonas rurais vizinhas de Brasília, e também em municípios goianos e mineiros próximos ao Distrito Federal, é porque encontrou desde logo duas condições favoráveis à sua eclosão: estradas e mercados. Aquelas foram construídas com uma rapidez tão extraordinária que se tornou difícil, em 1969, empreender-se inquéritos de campo baseando-se em cartas de estradas de 1967 (ver carta). Sob este ponto de vista, aliás, é notável que os setores menos transformados do cerrado sejam, precisamente, os que não foram totalmente desbloqueados por boas pistas transitáveis em qualquer estação (NW e SE). Os mercados, por sua vez, são numerosos e, apesar do controle da SAB, permaneceram muito livres. As Cooperativas, previstas de início para os núcleos rurais, nem sempre foram coroadas de êxito. De fato, as feiras e os atacadistas da cidade atraem bem mais os lavradores, que permaneceram bastante individualistas, portanto pouco propensos à associação do tipo cooperativista.

Estradas e mercados constituem, portanto, poderosos catalisadores quanto à evolução do mundo rural brasileiro em seu conjunto. Estamos persuadidos que estas duas condições, exteriores à exploração agrícola propriamente dita, devem preceder qualquer iniciativa que tenha em vista tirar vastas regiões rurais da esclerose atual.

Mas esta brutal abertura do horizonte rural tem também seus inconvenientes. De um lado, aumenta-se rapidamente a distância, já considerável desde a partida, que separa os agricultores pobres dos grandes exploradores. De fato, enquanto os últimos podem aproveitar, quase imediatamente, novas possibilidades que lhe são oferecidas, de transformar suas propriedades, aqueles só conseguem aumentar o fator trabalho, a fim de conseguir que uma policultura tradicional produza excedentes destinados à venda. Por outro lado, a abertura de uma região rural, até então isolada, desperta logo o interesse de cidadãos, que se acham em situação infinitamente melhor que a dos rurais, para compreender as vantagens que se pode obter de uma exploração racional de terras próximas de um grande mercado de consumo. Viu-se, alhures, quando o sistema atual de créditos agrícolas favorece os cidadãos, em detrimento dos verdadeiros agricultores.

O meio de atenuar, se não de evitar, tais desigualdades, consiste em ajudar financeiramente e em aconselhar os agricultores mais desfavorecidos. Mas convém, ainda, escolher um sistema adaptável à realidade econômica, social e psicológica dos agricultores atuais. A este respeito, as inabilidades comuns aos hortelões nacionais de Vargem Bonita, em matéria de crédito agrícola, são suficientes para provar que

houve, até aqui, falhas no sistema dos empréstimos concedidos a roceiros tradicionais, que não sabiam como aproveitar êste tipo de ajuda. Sob êste mesmo ponto de vista, o Distrito Federal fêz uma experiência única com a Colônia Agrícola Alexandre Gusmão, do IBRA. Êste ensaio de colonização é destacado com freqüência, como um fracasso parcial e dispendioso. Depois de várias entrevistas e de uma rápida visita, tivemos impressão diferente desta tentativa generosa em seus princípios, mas cuja realização enfrentou obstáculos que é útil recordar para chegar-se a algumas conclusões.

A origem da Colônia data de 1957, quando o Instituto Nacional de Imigração e de Colonização confiou à SUPRA, a colonização de 21 000 ha, na alta bacia do rio Descoberto. Colonos nacionais deviam ser aí instalados e amparados sob tôdas as formas possíveis. Durante a fase de instalação, as famílias deveriam ser, praticamente sustentadas e suas terras totalmente preparadas. Ao lado dos colonos hortelãos, pecuaristas iriam constituir um setor de laticínios de primeira qualidade. Em princípio, a administração dava tudo ao colono — que era denominado localmente parceleiro— forragens plantadas e gado, terras irrigadas, casas de moradia, escolas, cooperativas e estações experimentais. Prazos muito longos eram concedidos aos lavradores para o reembolso ulterior das despesas realizadas pelo govêrno durante os dois primeiros anos de sua instalação.

Na realidade, os primeiros ocupantes foram incomodados pela existência de numerosos invasores que, neste caso, como em alguns núcleos rurais, haviam precedido a colonização oficial. Durante uma primeira fase a SUPRA tentou conciliar, sem grande sucesso, as ocupações de fato como o programa inicial de colonização. Em 1965 o IBRA teria de retomar às suas expensas o comêço do planejamento, recorrendo a uma firma argentina (Escritório Técnico Alexander Solaris — ETAS —) a qual esboçou um plano de colonização grandioso e caro. Êste plano pecava por dois defeitos, que podem parecer elementares tanto ao geógrafo quanto ao sociólogo. De um lado, com efeito, os lotes de 12 a 15 hectares foram desenhados sem que se levasse em consideração certos dados topográficos e hidrológicos fundamentais (alguns, por exemplo, não tinham água); por outro lado, houve o desejo de ignorar a instalação dos invasores ou de reinstalá-los em terras e com especialidades diferentes. O negócio terminou por um conflito entre a administração e os agricultores. O projeto teve então de ser revisto pelo IBRA, em bases mais realistas. Uma terceira fase começou, assim, em 1968, mais modesta, porém certamente mais válida.

Apesar das soluções de continuidade na direção da Colônia, merece ser creditado a seu favor, não apenas realizações (plano de irrigação, estações experimentais, escolas, cooperativas) como também inovações. Assim, experiências de agricultura, em solos de cerrado, provaram que determinadas plantas irrigadas (tomates, abóboras, melancias) eram susceptíveis de ser cultivadas com sucesso desde que o fôsse em terras adubadas. O arroz de montanha e a beterraba própria para forragem, deram igualmente bons resultados com a irrigação descontínua. Duas iniciativas merecem também ser salientadas no domínio da organização das parcelas dos colonos. Uma consiste na construção de uma casa rural, feita de materiais exclusivamente locais, relativamente barata e que não apresenta qualquer fissura que possa abrigar os vetores da

doença de Chagas. Por outro lado, um estábulo lateralmente aberto, de pequena proporção, mas muito bem concebido para uma pequena criação de gado leiteiro, oferece a vantagem de ser de construção fácil e pouco dispendiosa. (Foto n.º 12).

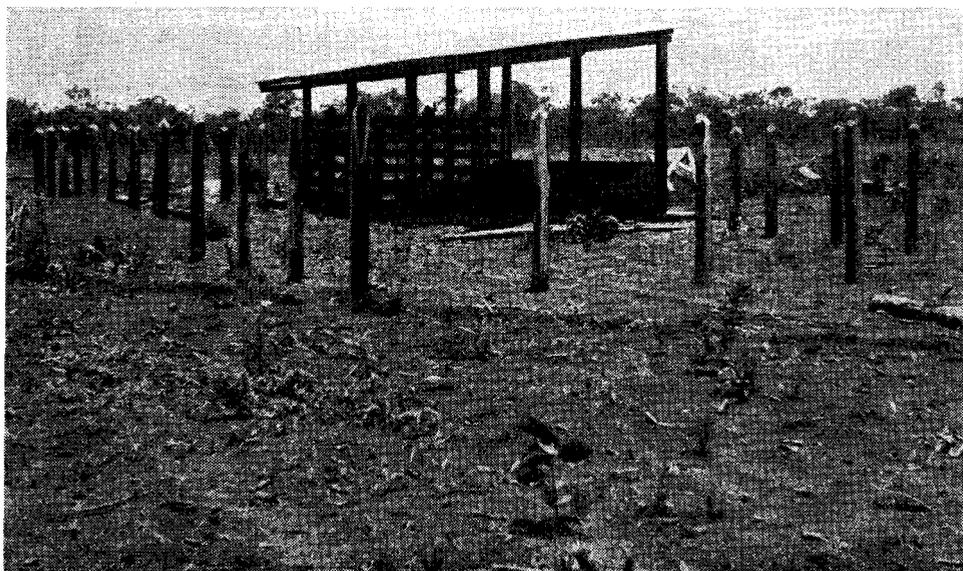


Foto 12 — Colônia Alexandre Gusmão: realista e barata, esta construção, que agrupa estábulo e curral, é destinada às vacas leiteiras. Ela concilia inteligentemente as técnicas e os materiais tradicionais de construção, de um lado, e as elementares exigências de uma boa criação desse gênero (teto, abrigo especial para os bezerros, mangedouras), de outro lado.

Quanto aos ensinamentos que podem ser tirados de uma tal experiência de colonização, parece-nos que estejam cruelmente sintetizados em uma atitude e uma reflexão de dois “parceiros”, dos quais tivemos conhecimento. Uma e outra parecem uma ilustração perfeita do que convém cortar em matéria de ajuda a lavradores tradicionais. A atitude: um lavrador ao qual haviam dado título de especialista em criação de gado leiteiro, recorreu ao laço para agarrar, imobilizar e ordenhar os infelizes animais. A reflexão: “plantando dá”; “não plantando, dão”. Portanto, primeira conclusão, não é em moldes que se fazem agricultores, mesmo que seja a qualquer preço. Aliás as paisagens agrárias atuais dos terraços dos rios Rodeador e das Pedras provam-no. Expontaneamente o agricultor recriou sua ambiência tradicional, quando adquiriu consciência do fracasso parcial das ajudas que lhe eram destinadas. Sua casa constitui uma ilustração. Mesmo sendo bem concebida, demonstrou não estar perfeitamente adaptada. O agricultor desdenhou, por exemplo, o fogão a gás, preferindo construir o próprio “fogão caipira” em um telheiro lateral (o puxado). Ao lado das culturas de forragem, sem utilização por falta de gado, abriu roças de milho, mandioca e feijão. Enfim, galinheiros e pocilgas rústicas completam agora o quadro de uma zona rural oficial, revista e corrigida pelos agricultores. (Foto número 13).

Quanto à reflexão, um tanto cínica, permite concluir que, não somente os agricultores não sabem fazer bom uso das ajudas que lhe são concedidas, como também, um excesso de crédito habitua-o bem depressa a facilidades que esclerosam realmente a iniciativa individual;

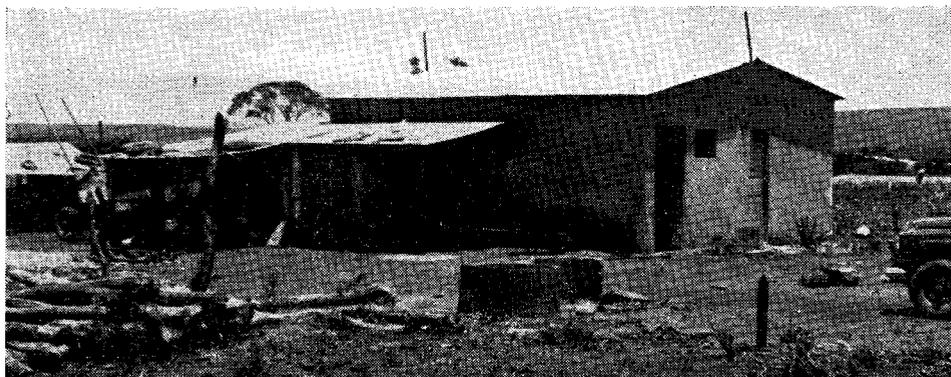


Foto 13 — Colônia Alexandre Gusmão: as casas construídas para os parceleiros, e vendidas em condições vantajosas, foram modificadas pelos agricultores (observar o “puxado”).

esta, pelo contrário, revela-se em sua plenitude, em condições menos fáceis.

De fato, por mais dinâmicos que sejam, os agricultores não gostam das revoluções. Preferem evoluções visíveis e sobretudo compreensíveis. Conviria, portanto, oferecer-lhes um programa mais gradativo de melhoramentos. Em nossa opinião este programa pode ser perfeitamente executado, seguindo os métodos empregados pela Associação Brasileira de Crédito e de Assistência Rural. Esta instituição, cuja origem americana é conhecida, soube perfeitamente conciliar as ajudas aos agricultores tradicionais e uma fiscalização elementar de suas aplicações. Baseada em princípios muito válidos de sociologia, compreendeu, por sua vez, que o progresso do mundo do campo não reside, apenas, na adoção de certas técnicas novas. Por esta razão, dedica-se também a uma indispensável promoção familiar, e à educação dos jovens (Clubes 4S). Os resultados já obtidos por este tipo de associação, tanto no Distrito Federal quanto em outras regiões do país, são, aliás, suficientemente eloqüentes, para que seja possível fazer-se de seu programa a base de todo o progresso econômico e social das zonas rurais.

Resta adaptar este método à realidade geográfica do Distrito Federal. Ora, sob esse ponto de vista, basta percorrer, não só os núcleos rurais como também os setores de invasão para se compreender uma realidade que os agricultores já tinham percebido há muito tempo e que se resume numa só palavra: a água. É, por certo, devido a razões hidrológicas que o essencial das atividades agrícolas situa-se hoje nos fundos úmidos dos vales. Os próprios latossolos são cultiváveis quando irrigados. Tanto as experiências das fazendas-modélo quanto as tentativas isoladas de alguns horticultores o provam. Certamente, não convém a tôdas as culturas, mas há pelo menos uma que poderia ser generalizada com sucesso, graças à irrigação: a dos pastos e das forragens, em geral. A pecuária em prados irrigados não representa, sob os trópicos, uma novidade e poderá constituir uma atividade das mais rentáveis. Sabe-se, por outro lado, que esta inovação seria facilmente aceita pelos agricultores devido ao fato de eles já se sentirem atraídos por esta forma de aproveitamento das terras.

Infelizmente, excetuando-se Vargem Bonita e as tentativas do IBRA nenhum plano coletivo de irrigação foi até hoje realizado nos núcleos rurais. Cada agricultor adota um sistema particular de irrigação que não poderá, naturalmente, cobrir a totalidade da extensão de suas terras. Ora, *a priori*, quase não se vê, nestes vales maduros, nenhum obstáculo topográfico para a instalação de uma rede coletiva de irriga-

ção. Bastaria construir e alimentar por motobomba, canais primários de irrigação, na parte alta das vertentes dos vales e paralelamente a seu eixo, a fim de que cada parcela receba, por gravidade, a água necessária.

Permanece, enfim, o problema relativo ao sistema de posse da terra que certas pessoas criticam severamente, salientando que o mesmo não estimula as instalações de caráter permanente. Em tais condições, afirmam que a venda facilitada da terra, aos agricultores, resolveria muito dos problemas atuais de seu aproveitamento.

A posse da terra, entretanto, não parece constituir uma grande preocupação para a maioria dos arrendatários da NOVACAP, nem tão pouco, aliás, para os invasores de Vicente Pires. Esta atitude poderá, por certo, surpreender, mas, do estrito ponto de vista econômico, é perfeitamente justificável. Pois o que conta em definitivo não é tanto a propriedade da terra, mas o acesso a ela e sua utilização para fins agrícolas.

É que os agricultores parecem ter compreendido facilmente que o que se paga à NOVACAP é muito pouco; os contratos além de longos — 30 anos — são renováveis e, finalmente, os empreendimentos podem ser negociáveis, sob a forma de direito de ocupação.

Este tipo de posse, ao mesmo tempo precário e muito liberal, pode perfeitamente constituir um quadro válido para progressos decisivos, desde que seja efetivamente aplicado e mantido com ajudas técnicas e financeiras similares as da ABCAR. Quando tais condições existem, a realidade atual revela-nos numerosos casos de êxito.

Mas, vimos também que existe um limiar de prosperidade, acima do qual seria preferível abandonar o sistema de arrendamento em proveito de uma apropriação. Lembramos, sob este aspecto, que as entrevistas junto a arrendatários que conseguiram formar um bom pecúlio, a partir de sua instalação em terras da NOVACAP, revelam, muitas vezes, intenção de adquirir terras de cultivo em municípios vizinhos ao Distrito Federal.

As razões que invocam são eloqüentes: querem cultivar e plantar sem qualquer fiscalização, mas desejam também possuir uma casa confortável, definitiva, que hesitam construir em terras arrendadas. Portanto, acima de um certo limiar de prosperidade, os melhores arrendatários da NOVACAP ameaçam abandonar o Distrito Federal. Neste estágio, a venda da terra aos exploradores seria de fato tanto mais recomendável quanto constituiria, além disso, uma finalidade a ser atingida, portanto um estimulante para os agricultores menos adiantados.

Assinalamos, acêrca do último ponto de vista, que uma forma de emulação comparada a que se poderia alcançar com uma tal medida, já desempenhou papel importante, num nível inferior, entre os invasores do Distrito Federal. Com efeito, por ocasião das recentes expulsões de agricultores estabelecidos na margem esquerda do rio Vicente Pires, certos estabelecimentos agrícolas, particularmente cuidados, foram respeitados pela Prefeitura. Esta atitude teve, como conseqüência imediata, incentivar os invasores da margem direita e plantar árvores frutíferas e a melhorar seu *habitat*, na esperança evidente de suscitar, assim, a indulgência das autoridades locais.

Mas pelo mesmo fato, êsses invasores, os quais se reconhece serem bons agricultores, não teriam merecido seus títulos de concessão? As boas terras, dos fundos de vale, não faltam no Distrito Federal. Alguns núcleos rurais, êles próprios, não estão inteiramente ocupados. Não seria uma pena perder tão boa ocasião de dotar as zonas rurais do Distrito Federal de agricultores tão dinâmicos?

INQUÉRITO RURAL

1. Nome:
2. Idade:
3. Onde o senhor morava antes de vir para Brasília?
4. Quantos anos o senhor estudou?
5. Quantos filhos o senhor tem?
6. O senhor tem outra ocupação? Qual é?
7. O senhor é dono (arrendatário) ou empregado do lote?
8. Em caso do senhor ser empregado, há quanto tempo mora no lote?
9. O senhor já morou em alguma cidade grande?
- Qual? Quanto tempo?
10. Em quantos lotes o senhor já morou?
11. Em caso do senhor ser dono, quantas vezes trocou de lote?
12. Qual é a profissão do dono do lote?
13. Qual é a superfície total de suas terras?
14. Qual é a área cultivada?
15. Quais são as suas três principais culturas?
-
16. O senhor utiliza estêrco?
17. O senhor utiliza fertilizantes?
18. O senhor já usou calcário na terra?
19. A sua esposa costuma ajudar na lavoura?
20. Os seus filhos também ajudam?
21. Acha bom cultivar de tudo um pouco?
22. Onde o senhor prefere morar? Na cidade ou no campo?
23. No caso do senhor ser dono, pretende vender ou trocar o seu lote?
24. No caso do senhor ser dono, se aparecer uma boa oportunidade, venderia o seu lote?
25. Como acha melhor empregar o dinheiro?
26. O senhor está satisfeito com a sua situação atual?
-
27. O que lhe falta mais no momento?
-
28. O senhor acha que a derrubada e a queimada são as melhores maneiras de abrir uma roça na mata?
29. A lua tem influência na época do plantio?
30. Quantas vezes por semana o senhor vai à cidade? Qual o dia?
-
31. O senhor vai introduzir melhoramentos no seu lote? Quais?
-
32. A produção do seu lote é vendida aqui ou na cidade? Qual cidade? Quem compra?
33. O senhor conhece algum engenheiro agrônomo?
-
34. Acha bom o crédito agrícola?
35. O senhor já conseguiu algum empréstimo? De quanto? Quem emprestou?
-
-
36. O senhor costuma ler alguma revista agrícola? Qual?
-

Este questionário destinado a ser preenchido pelas pessoas que habitavam os lotes quando das entrevistas, isto é pelos titulares ou pelos trabalhadores permanentes instalados pelos fazendeiros absentes. Este fato explica porque certas perguntas parecem ter duplo sentido (10, 11, 6 e 12 por exemplo). Para os cultivadores analfabetos, os professores primários explicaram aos alunos que eles mesmos deveriam escrever as respostas de seu pai.

Lembra-se que no momento das entrevistas possuía-se um levantamento completo de todas as culturas, o que permitiu facilitar o questionário. As respostas à pergunta 15 são interessantes na medida em que mostram qual o critério-espacial ou econômico que os camponeses escolheram para citar suas "3 principais culturas". Geralmente, observa-se que as culturas destinadas à venda são freqüentemente assinaladas, apesar da pouca superfície de terra que elas ocupam.

Repetiu-se intencionalmente certas perguntas, mas com gradações e sob formas diferentes (23 e 24, 26 e 27); os resultados foram, às vezes, eloqüentes, como se assinala no texto.

O mesmo questionário foi aplicado para os "invasores", mediante algumas modificações, assim, "lote" foi substituído por "terra", "titular" por "ocupante".

Na prática, algumas deficiências apareceram. Para a superfície dos lotes, por exemplo, certos explorantes não responderam por pura ignorância. Nós tínhamos, entretanto, especificado bem que se podia responder indicando a extensão (comprimento) e a largura das terras ou dizendo quantos campos de "football" poderiam conter na superfície dos lotes. Se os camponeses efetivamente deram muitas vezes as dimensões de suas terras, eles geralmente não utilizaram o equivalente proposto pelo segundo método. Entretanto este último método dá resultados muitas vezes notáveis no Sul e no Sudeste do Brasil.

A pergunta 25, que não se pode traduzir literalmente ("Como acha melhor empregar o dinheiro"); (N.T. em português no texto) recebeu poucas respostas por parte dos Japoneses que parecem ter desconfiado de alguma armadilha. Contrariamente, os cultivadores brasileiros responderam muito bem ("na fazenda", "em ferramentas", "em máquinas", "em adubos" etc.).

A pergunta 31 embarçou muitos cultivadores que manifestaram ter mal compreendido as expressões "intenções" e "melhoramentos".

Para os "invasores" os questionários foram por nós diretamente aplicados.

RÉSUMÉ

A partir de 1956, en conséquence de l'établissement de la nouvelle capitale, la région de Brasilia a subit dans sa vie rurale toute une série de transformations.

Ce sujet a été analysé par l'auteur sous deux de ses aspects: le comportement d'une région rurale dirigée et les modifications survenues dans une *région rurale spontanée*.

Dans la première partie il étudie l'action de la "Companhia Urbsnizadora da Nova Capital" (NOVACAP), responsable de la désappropriation et de la redistribution des terres aux agriculteurs sous la forme de concessions, constituant ainsi une véritable réforme agraire dans une région où l'agriculture n'avait pas encore été implantée.

Il détache alors les conditions du milieu physique parmi lesquelles celles aqui reflètent la présence des sols et de la végétation du cerrado et aussi les facteurs qui se rapportent aux problèmes de la circulation et ceux de l'appropriation des terres.

En s'appuyant sur le dernier facteur, l'auteur distingue quatre groupes de noyaux ruraux:

— *noyaux des "roceiros"*, relativement éloignés et peuplés par des agriculteurs n'ayant pas de titre de fermage;

— *noyaux d'agriculteurs et d'éleveurs de bétail*, comprenant les terres plus éloignées, avec des lots de plus grandes dimensions et qui n'ont été organisés que récemment;

— *noyaux d'horticulteurs de Vargem Bonita et de Taguatinga*, ayant le privilège du voisinage de la zone urbaine et conséquemment des marchés de consommation;

— *noyaux des citadins-“chacareiros”* dans lesquels le contrôle des citadins sur les terres de culture se fait sentir non seulement sous la forme des maisons de campagne mais aussi, à cause de la proximité d'un grand marché de consommation, par des établissements ayant des finalités commerciales.

La *région rurale spontanée* très diversifiée dans ses formes d'occupation et d'utilisation du sol mais où deux types y sont particulièrement riches par ce qu'ils représentent:

— des *“fazendas” traditionnelles d'élevage de bétail* ayant subi des changements dûs au perfectionnement des systèmes d'élevage;

— *envahisseurs ruraux sans grande importance* représentés par des “posseiros” qu'on rencontre, tant au passé qu'au présent, dans l'avant-garde des fronts pionniers, occupant sans autorisation les terres de la NOVACAP.

On peut conclure que, quelque que soit la forme à laquelle il appartient, l'agriculteur des terres du District Federal, s'est adapté avec une extraordinaire rapidité aux conditions d'économie et de fermage locales reproduisant ainsi ce qui s'était passé dans certaines régions du sud-est du Pays.

Versão de Olga B. de Lima

SUMMARY

After 1956 the area around Brasilia has passed by a series of transformations in the rural life, as consequence of the establishment of the new Capital.

The A. analyses the subject of the present work under two aspects: the behaviour of a *ruled rural area* and the transformations occurred in a *spontaneous rural area*.

In the first part he studies the action of the “Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP),¹ responsible by land expropriation and redistribution to the farmers, by means of grants, putting in practice a real agrarian reform in an area where the agriculture wasn't planted yet.

The soil and vegetation coverage aspects are pointed out here considering certain physiographic factors which has determined a typical land coverage named “cerrado”,² as well as the factors related to problems of means of communication and land appropriation. Based on these last factors the A. distinguishes four large groups of rural nucleus:

— *roceiros*³ *nucleous*, relatively remote and peopled by farmers without tenancy title;

— *farmers and cattle raisers nucleous*, comprising the farthest lands, with larger size lots, that only recently were organized;

— *Vargem Bonita and Taguatinga horticulturist nucleous*, favoured by neighbourhood of the urban area and consequently of the markets.

— *citadinos-chacareiros*⁴ *nucleous*, constituted by townsmen who hold small tracts of land outside town, as country houses or even small ranches, where they manage it not only with leisure purposes, but with trading intention, due to the fact of the nearness of a great market.

The spontaneous rural area with a diversified pattern of tenure and land use, where is found among other two important types:

— *Cattle raising traditional fazendas*,⁵ which passed by transformations, having improved its cattle-breeding system.

— *Small rural invaders*, represented by those who, both in the past, as nowadays, have taken possession of land, in the vanguard of pioneer fronts, occupying, without authorization, chiefly the land of NOVACAP.

As conclusion one can say that, pertaining to any of those forms, the land exploiter of Distrito Federal has adapted, with considerable quickness, to the economic and agrarian local conditions, remembering what have occurred in certain regions of the southeast country.

Versão de Joaquim Franca

1 — Town planning Company
 2 — Kind of brushwood of stunted vegetation
 3 — Small tiller who uses primitive systems of planting
 4 — Citydweller who possess a country house
 5 — Cattle ranch in Brazilian way